



MONOGRAFIAS

7

Prémio Eduardo da Cunha Serrão . Eduardo da Cunha Serrão Award

**CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS VESTÍGIOS
ARQUEOLÓGICOS – DO VI AO I MILÉNIO A.C.
PAISAGENS E MEMÓRIAS NA BACIA HIDROGRÁFICA
DO DOURO**

**A CONTRIBUTION TO THE STUDY OF ARCHAEOLOGICAL
REMAINS – FROM THE SIXTH TO THE FIRST MILLENNIUM BC
LANDSCAPES AND MEMORIES IN THE DOURO
RIVER BASIN**

Alexandra Vieira

MAP

MONOGRAFIAS
7

Prémio Eduardo da Cunha Serrão . Eduardo da Cunha Serrão Award

**CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS VESTÍGIOS
ARQUEOLÓGICOS – DO VI AO I MILÉNIO A.C.
PAISAGENS E MEMÓRIAS NA BACIA HIDROGRÁFICA
DO DOURO**

A CONTRIBUTION TO THE STUDY OF ARCHAEOLOGICAL
REMAINS – FROM THE SIXTH TO THE FIRST MILLENNIUM BC
LANDSCAPES AND MEMORIES IN THE DOURO
RIVER BASIN

Alexandra Vieira

Série . Serie

Monografias AAP

Edição . Edition

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção . Direction

José Morais Arnaud

Coordenação . Coordination

Andrea Martins

Tradução para a versão em Inglês . English translation

Armando Lucena

Design gráfico . Graphic design

Flatland Design

Fotografia de capa . Cover photo

Helena Barbosa

Impressão . Print

Loures Gráfica

Tiragem . Copies

200 exemplares

ISBN

978-972-9451-77-5

Depósito legal . Legal Deposit

453844/19

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

O texto desta edição é da inteira responsabilidade do autor.

VIEIRA, Alexandra (2019) – Contributo para o estudo dos Vestígios Arqueológicos – do VI ao I milénio a.C. Paisagens e Memórias na Bacia Hidrográfica do Douro. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (*Monografias AAP*, 7).

- 5 **EDITORIAL**
José Morais Arnaud
- 7 **CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS
– DO VI AO I MILÉNIO A.C.
PAISAGENS E MEMÓRIAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO**
- 33 **FIGURAS**
FIGURES
- 41 **A CONTRIBUTION TO THE STUDY OF ARCHAEOLOGICAL REMAINS
– FROM THE SIXTH TO THE FIRST MILLENNIUM BC
LANDSCAPES AND MEMORIES IN THE DOURO RIVER BASIN**

EDITORIAL

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção

O volume que agora se publica é o 7º de uma série de Monografias editadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) destinada à divulgação dos colóquios temáticos organizados com alguma regularidade pelas suas Secções e Comissões, e sobretudo de trabalhos académicos de maior envergadura, que foram premiados ou distinguidos pelo júri do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão, instituído em 2013, ou que a Direcção da AAP considerou deverem ter uma divulgação para além do meio académico, devido à sua contribuição substancial para o avanço dos conhecimentos no domínio das ciências arqueológicas, históricas e patrimoniais.

Encontra-se neste último caso o trabalho que agora se apresenta. Trata-se de facto de um trabalho de investigação de grande mérito e originalidade, não só pela enorme base de dados recolhida, na vastíssima área do Norte e Centro de Portugal pela qual se estende a bacia hidrográfica do rio Douro, abrangendo cerca de 2.500 sítios, distribuídos pelos distritos do Porto, Vila Real, Bragança, Aveiro, Viseu e Guarda, mas sobretudo pela sua sistematização e pela originalidade da sua abordagem, a qual constitui uma excelente aplicação prática da Arqueologia da Paisagem, procurando explicar a forma como as populações humanas interagiram com o meio ambiente ao longo de seis milénios, como os seus vestígios arqueológicos chegaram até aos nossos dias e foram percebidos pelos actuais habitantes desta vasta zona do interior do país, passando a fazer parte integrante da sua memória colectiva.

Esta obra passa, assim, a constituir um ponto de partida e uma obra de referência incontornável para futuras investigações sobre a Pré-História Recente e a Proto-História do Norte de Portugal.

Tal como nas monografias anteriores, optou-se por publicar um resumo alargado em língua portuguesa, de cerca de 30 páginas, preparado especialmente para esta edição, bem como a sua tradução para a língua inglesa, apresentando em anexo, em suporte digital, a versão integral da tese de doutoramento apresentada a concurso e galardoada com um Menção Especial pelo júri do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão.

CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS – DO VI AO I MILÉNIO A.C. PAISAGENS E MEMÓRIAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO

Alexandra Vieira

alexandra.vieira@gmail.com

Resumo

O presente trabalho versa sobre os vestígios arqueológicos da Pré-história Recente da Bacia Hidrográfica do Douro, em território português, tentando compreender de que forma teriam participado na construção das memórias e das paisagens que compõem esta vasta área. O estudo desenvolve-se em duas direções: por um lado, foram reunidos e sistematizados um conjunto de dados disponíveis sobre tais vestígios, numa tentativa de caracterizar a ocupação dos diferentes territórios da região pelas comunidades pré-históricas; por outro lado, tentou-se compreender o modo como tais vestígios foram apropriados em épocas posteriores, isto é, explorando o entrelaçamento dos vestígios pré-históricos nas dinâmicas da Memória e da Paisagem das comunidades que habitaram esta região até aos dias de hoje.

A tese é composta por três partes distintas. A primeira Parte corresponde a um conjunto de capítulos referentes à definição do objeto de estudo, ao enquadramento da pesquisa, à estratégia de análise e aos métodos de trabalho. Na segunda Parte apresentamos os vestígios arqueológicos estudados. Começamos por abordar, de modo sucinto, a história da pesquisa arqueológica e fazemos um ponto de situação relativo ao estado do conhecimento da Pré-história Recente na região. Posteriormente, analisamos de que forma a informação reunida na Base de Dados permite discutir o estado do conhecimento e como pode ser usada enquanto ferramenta de pesquisa. Por último, ensaiamos um conjunto de linhas de força que caracterizam o modo como as comunidades pré-históricas habitaram a região da Bacia Hidrográfica do Douro.

Na terceira Parte, começamos por discutir os conceitos de Memória e Paisagem e, posteriormente, através da análise da documentação histórica, da toponímia, das tradições e crenças populares, assim como das biografias de sítios arqueológicos com amplas diacronias, procuramos caracterizar as dinâmicas pelas quais os vestígios pré-históricos são incorporados na paisagem e na memória das comunidades.

Palavras-Chave: Vestígios arqueológicos, Pré-história Recente, Bacia Hidrográfica do Douro, Memória, Paisagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a atribuição da Menção Honrosa e a oportunidade que me foi dada pela Associação dos Arqueólogos Portugueses de publicar a presente monografia. Aproveito este momento, igualmente, para agradecer a todos aqueles, e foram muitos, os que contribuíram para a concretização da minha tese de doutoramento. Somente com o generoso contributo de tantos colegas arqueólogos, instituições e amigos foi possível levar este projeto a “bom porto”. Um especial agradecimento a Ana Vale, António Mourão, Helga Marques, Lurdes Cunha, Lídia Baptista, Sandra Santos e Sérgio Gomes. Um bem-haja a todos pelo vosso apoio.

NOTA INTRODUTÓRIA

Esta publicação resultada da atribuição de uma Menção Honrosa, no âmbito do Prémio Eduardo da Cunha Serrão, em 2016, à tese de doutoramento “Contributo para o estudo dos Vestígios Arqueológicos – do VI ao I milénio a.C. Paisagens e Memórias na Bacia Hidrográfica do Douro”, orientada por Susana Soares Lopes e defendida a 14 de dezembro de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O presente texto procura fazer uma síntese dos diferentes temas apresentados na tese, e, na impossibilidade de abordar sucintamente cada um deles, optou-se por destacar apenas alguns aspetos, sendo que a publicação integral se encontra em anexo, em formato digital.

A dimensão da tese de doutoramento tornou necessária a sua divisão em dois volumes. O primeiro volume congrega os textos principais, enquanto que no segundo volume se faz a compilação de um conjunto de elementos, nomeadamente tabelas, que aparecem sob a forma de apêndices. O documento mantém a sua estrutura original.

1. O UNIVERSO DE ESTUDO E A ESTRUTURA DA TESE

Este trabalho é o culminar de um projeto de investigação que assenta em três vetores fundamentais: os vestígios pré-históricos, balizados entre o VI e o primeiro quartel do I milénio a.C., e os temas da Memória Social e da Paisagem Humanizada. Versa sobre os vestígios arqueológicos da Pré-história Recente da Bacia Hidrográfica do Douro, em território português (**Figura 1, p. 34**), tentando compreender o modo como participam na construção das memórias e das paisagens que compõem a região.

No âmbito do estudo da Pré-história Recente procurou-se caracterizar a variabilidade dos sítios conhecidos, sistematizando essa informação numa Base de Dados construída para o efeito. A tipificação destes dados permitiu a sua associação em determina-

dos temas: o povoamento, os recintos do III milénio a.C., as práticas sepulcrais, a prática da metalurgia, os menires e, por fim, as estelas e estátuas-menires.

No que diz respeito às dinâmicas de “construção de paisagens e memórias” da Bacia Hidrográfica do Douro, o nosso inquérito tentou responder às seguintes questões: De que forma a arqueologia pode fornecer ferramentas interpretativas para a perceção da paisagem? Será que essas ferramentas podem ser aplicadas a este período da Pré-história Recente? De que modo a experiência humana deixa a sua marca num espaço? Em que circunstâncias foram descobertos os sítios arqueológicos? Qual a relação entre os vestígios arqueológicos e a tradição oral? Que “memórias” têm as comunidades locais destes sítios? De que modo foram integrados os vestígios pré-históricos na paisagem atual? Como foram reutilizados materiais e estruturas?

A estrutura da tese de doutoramento é composta por três partes distintas: i) a primeira parte consiste na apresentação ou constituição daquele que é o universo de estudo; ii) na segunda parte, aborda-se especificamente os vestígios arqueológicos do VI ao primeiro quartel do I milénio a.C., dentro da Bacia Hidrográfica do Douro; iii) na terceira parte, reflete-se sobre o papel dos vestígios pré-históricos nas dinâmicas da construção de paisagens e memórias.

A Parte I contempla três capítulos que apresentam este projeto de investigação. O primeiro capítulo apresenta o desenvolvimento e a adaptação dos nossos objetivos no âmbito da progressão e transformação da nossa pesquisa; apresenta igualmente a escala temporal e espacial em análise. O segundo capítulo caracteriza de forma mais detalhada o quadro físico onde se desenvolve o projeto de investigação: a Bacia Hidrográfica do Douro, em território português. Relativamente ao objeto de estudo e ao método de trabalho, é de destacar que foram analisados cerca de 2410 sítios, procedendo-se à sua sistematização numa Base de Dados, criada e dirigida para dar resposta aos objetivos enunciados anteriormente. Algumas questões metodológicas são abordadas neste terceiro capítulo.

A Parte II analisa os vestígios arqueológicos da Pré-história Recente, de uma vasta área do território português, não pretendendo ser uma síntese, no sentido de “narrativa” sobre a Pré-história Recente. Na leitura desta Parte II é, então, necessário considerar que: em primeiro lugar, é um trabalho à macroescala de tal forma abrangente que se torna difícil aceder a todos os dados, analisá-los e compará-los entre si; em segundo lugar, parte da análise de dados e regiões muito desiguais entre si e de uma percentagem elevada de sítios que foram apenas prospetados.

O que se pretendeu alcançar com este trabalho? Conhecer os vestígios pré-históricos (do VI milénio ao primeiro quartel do I milénio a.C.) que foram detetados e escavados na área da Bacia Hidrográfica do Douro, com base numa sistematização dos dados, partindo dos mesmos parâmetros de análise e dos mesmos pressupostos. Congregou-se,

assim, num mesmo documento os dados disponíveis para o estudo da região, possibilitando uma comparação entre realidades com diferentes “graus de resolução” e a definição de linhas de pesquisa que visem a integração dessas diferentes realidades.

Esta segunda Parte reúne cinco capítulos que versam sobre os vestígios pré-históricos inventariados, os quais possuem diferentes escalas de análise e diferentes graus de sistematização. Começamos por encetar, no primeiro capítulo, ainda que sumariamente, uma breve abordagem aos principais projetos de investigação desenvolvidos na nossa área de estudo, desde os anos 70 até à atualidade. O capítulo II.2. surge como resposta à necessidade de sistematizar o “Estado da Arte” da Pré-história Recente da área estudada. Deste modo, selecionámos algumas publicações de Susana Soares Lopes, Maria de Jesus Sanches, Domingos Cruz e Ana M.S. Bettencourt, entre outros autores, procurando fazer uma recapitulação e articulação das principais ideias veiculadas nesses textos sobre a Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta e Douro Litoral.

O capítulo II.3. contempla os diversos temas que emergiram no decurso da análise dos vestígios pré-históricos, tendo como objetivo fazer uma breve caracterização de alguns sítios/vestígios arqueológicos inventariados. É composto por seis subcapítulos onde se abordam, a diferentes escalas, os seguintes temas: o povoamento, os recintos do III milénio a.C., as práticas sepulcrais, a prática da metalurgia, os menires e a análise conjunta de estelas e estátuas-menires. Nestes últimos sete anos foram identificados novos sítios e, nesse sentido, procurou-se descrevê-los sumariamente, privilegiando, sempre que possível, os que eram praticamente inéditos ou mal conhecidos. Ao nível do povoamento optou-se por caracterizar alguns locais arqueológicos que possuem, no nosso entender, informações relevantes para a compreensão desta temática. Dentro das práticas sepulcrais destacámos os enterramentos em fossa, que começaram a ocorrer a partir dos inícios do II milénio a.C. e que estão, aparentemente, relacionados com os povoados de fossas. Optámos, também, por destacar os enterramentos em gruta, que nos pareceu interessante analisar enquanto conjunto devido ao número reduzido de estações conhecidas. Em relação à metalurgia, procedemos basicamente à organização da informação, chamando a atenção para os locais onde se detetaram evidências da prática da metalurgia. No que diz respeito às estelas e estátuas-menires voltámos ao mero elencar dos sítios, dando alguma ênfase aos novos conjuntos de estelas detetados nos últimos anos. Por fim, realizámos um trabalho mais exaustivo em relação aos menires.

O capítulo II.4. agrega um conjunto de considerações sobre os limites e as possibilidades dos dados compilados na Base de Dados. Apresentam-se alguns dados estatísticos, reflete-se sobre as dificuldades que surgem num trabalho desta dimensão e apresentam-se possibilidades de análise ou exercícios interpretativos, salientado, no entanto, que o seu aprofundamento excede os limites de um trabalho individual. Por

fim, no capítulo II.5. apresentam-se, ainda que sumariamente, as principais linhas de força detetadas na análise dos vestígios pré-históricos da Bacia Hidrográfica do Douro.

No primeiro capítulo da Parte III, intitulado “Paisagem e Memória: conceitos e linhas de pesquisa”, analisam-se os conceitos de “memória social” e “paisagem humanizada”. Apresentam-se, igualmente, os conceitos e as linhas de pesquisa que orientam os capítulos seguintes, que correspondem ao desenvolvimento de diferentes abordagens, contribuindo, no seu conjunto, para a compreensão das dinâmicas de construção de memórias e paisagens, tendo como ponto de partida os vestígios arqueológicos e, neste caso em particular, os vestígios pré-históricos. Podemos subdividir esta terceira Parte em dois grupos de capítulos:

- i. No primeiro grupo, que contempla os capítulos III.2, III.3 e III.4, analisam-se diferentes meios ou instrumentos que nos permitem uma outra abordagem sobre os vestígios arqueológicos pré-históricos. É com base na análise dos vestígios arqueológicos do VI ao I milénio a.C., inventariados na Base de Dados, que se procede à observação da documentação histórica e da toponímia, assim como se apresenta um primeiro levantamento das tradições e crenças populares no espaço da Bacia Hidrográfica do Douro.
- ii. A pesquisa dos dados e dos temas acima mencionados permite-nos, num segundo momento, avançar para análise das sequências de ocupação dos sítios arqueológicos, tentando esboçar uma perspetiva sobre os lugares com amplas diacronias no capítulo III.5. No fundo, tentámos traçar a “biografia” de determinados sítios ou lugares arqueológicos que evidenciaram vestígios de ocupações num tempo muito lato. Se este trabalho se caracteriza por privilegiar análises à macroescala, abarcando uma área geográfica muito extensa, termina baixando a escala de análise para o nível de dois sítios arqueológicos: Castelo Velho de Freixo de Numão e Prazo (também referido como “Complexo Arqueológico do Prazo”), que se localizam em Freixo de Numão (V. N. Foz Côa). Neste capítulo III.6, pensámos ter conseguido apresentar e relacionar os dados arqueológicos, históricos, toponímicos e etnográficos (tradição oral), a fim de garantir a compreensão das dinâmicas dos vestígios arqueológicos na construção de Memórias e de Paisagens na Bacia Hidrográfica do Douro.

As três partes que estruturam esta tese de doutoramento podem funcionar como entidades autónomas, embora estejam sistematicamente relacionadas entre si. Assim sendo, o epílogo, o último texto desta tese, contempla dois aspetos essenciais: as dificuldades sentidas na realização de um projeto desta envergadura e as futuras linhas de investigação, que podem ser definidas através da análise dos três pilares deste trabalho de pesquisa: vestígios pré-históricos, paisagem e memória.

2. A CLASSIFICAÇÃO DE SÍTIOS/VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

Quando pensamos em sítios arqueológicos, pensamos em sítios reconhecidos através da existência de vestígios materiais, independentemente da sua natureza e cronologia. Ao observarmos a realidade da Bacia Hidrográfica do Douro, ao nível da Pré-história Recente, apercebemo-nos que muitos destes sítios inventariados resultam de trabalhos de prospeção. Em muito casos são detetados materiais à superfície – fragmentos de cerâmica e alguns líticos atribuídos à Pré-história Recente – e estruturas, nomeadamente muros, aos quais são atribuídos, de imediato, uma classificação tipológica e cronológica sem existirem dados suficientes para tal. Existem sítios que se encontram classificados como “povoados”, onde foram detetados apenas uns quantos fragmentos de cerâmica da Pré-história Recente e que poderiam ter sido considerados como vestígios de ocupação, vestígios diversos, habitat ou mancha de ocupação. Por outro lado, compreendemos a necessidade, enquanto investigadores, de tentar “encaixar” os vestígios encontrados nas tipologias de sítios que se conhecem, apesar de ser um processo problemático.

A classificação pode ser entendida como a estruturação ou organização de determinados fenómenos, em grupos ou outros esquemas classificatórios, com base em atributos comuns. Classificar sítios arqueológicos ou definir uma tipologia de sítios arqueológicos implica a organização sistemática de determinados elementos em *tipos* com base em atributos comuns, sendo que um *tipo* é um conjunto de elementos definidos pelo agrupamento coerente de atributos (Renfrew e Bahn, 1996).

Segundo Raquel Vilaça, “(...) Para se elaborar uma tipologia é necessário proceder a uma hierarquia de atributos prévia e criteriosamente seleccionadas, que permitam definir, e assim distinguir, um tipo, dos restantes; cada tipo reúne padrões diferentes de atributos. Deste modo, a criação de uma tipologia exige um exercício muito mais minucioso, requerendo o estabelecimento de parâmetros rigorosos” (Vilaça, 1995: 42).

Qualquer tentativa de classificação de sítios arqueológicos deve ser baseada em critérios objetivos, usando atributos de carácter quantitativo e qualitativo. Atualmente, ao refletirmos sobre as tipologias vigentes para a Pré-história Recente, chegamos à conclusão que muitos destes sítios arqueológicos se inserem nas seguintes categorias:

- Local de implantação: podem ser sítios de ar livre ou abrigos sob rocha/grutas;
- Arquiteturas: recintos abertos ou fechados, *tumuli*, cistas, monumentos megalíticos, cromeleques, estelas, menires, fossas, entre outros;
- Tempo: sazonal, temporário, permanente;
- Exploração do espaço/funcionalidade/interpretação: habitat, povoado, sepulcro, santuário. Advém da interpretação dos dados;

- Práticas/Contextos: doméstico; funerário-cultural; ritual. Advém da interpretação dos dados.

Até recentemente, tudo o que não fosse *enterramento* nem *santuário de arte rupestre* era classificado como *povoado*, o qual está muitas vezes associado ao conceito de profano. Se nos depararmos com um sítio amuralhado, então será um local de defesa, um povoado fortificado. Estas classificações clássicas assentam em dicotomias: doméstico/ritual; lugares dos vivos/lugares dos mortos (Susana Soares Lopes, informação pessoal).

“Não me parece que as palavras sejam inócuas. Povoado, povoado fortificado, recinto, necrópole, (...), todas têm uma história que explica não só a sua aparição, como a sua mais ou menos prolongada manutenção” (Jorge, 2003a: 9-10).

A partir dos anos 90 do século passado alguns pressupostos e paradigmas foram colocados em causa, permitindo uma nova forma de “olhar” os testemunhos materiais. Nas palavras de Susana Soares Lopes, “(...) mudou sobretudo a maneira de “olhar”. Olhar os vestígios arqueológicos, os sítios, a paisagem, a própria maneira de se fazer arqueologia. Não é por acaso que apareceram “novos sítios” em diferentes regiões transmontanas e alto durienses” (Jorge, 2003b: 1431).

Que sítios são esses? Surge, por exemplo, a noção de recintos multifuncionais onde coexistem, de forma muito complexa, diversos contextos rituais que, na prática, subvertem a tradicional dicotomia entre “espaços domésticos/espaços sepulcrais-rituais” (Jorge, 2000b: 97).

Segundo a mesma autora, existe, na abordagem tradicional, uma oposição entre aquilo que será da esfera do doméstico, por oposição ao funerário e cultural, assim como a oposição secular/profano *versus* ritual. No entanto, o domínio “ritual” atravessa todos os contextos, logo não pode ser autonomizado, daí que se torne fundamental problematizar a noção de ritual (algo que excede os objetivos deste trabalho). Algumas nomenclaturas estão “viciadas” pois transpõem, quase que linearmente, conceitos da nossa contemporaneidade para a Pré-história Recente. Temos de ter consciência que uma necrópole megalítica não é um cemitério atual; que um “povoado” pré-histórico não é igual a um povoado atual (Jorge, 2005).

Ao colocar em causa a dicotomia doméstico/ritual, Susana Soares Lopes levanta uma interessante discussão em torno de terminologias e conceitos estabilizados, como sejam “vida doméstica”, “uso comum/uso doméstico”, “povoado”, discussão esta que será determinante para a caracterização dos tipos de sítios da Pré-história Recente ou mesmo para as questões ligadas à construção da paisagem em Pré-história. As realidades deixam de ser tão estanques para se tornarem mais fluidas (Jorge, 2005).

À luz desta nova perspectiva, parece-nos redutor classificar de forma categórica “sítios onde se vive” (povoados) e “sítios sagrados” (por ex. “santuários” de arte rupestre), a partir de uma análise exclusivamente arqueográfica e muitas vezes superficial. Efetivamente, um abrigo sob rocha poderia ter sido utilizado como habitat, como necrópole ou ainda como “santuário” de arte rupestre. Basicamente, temos de admitir que os sítios arqueológicos podem ser multifacetados. Hoje temos consciência que um mesmo sítio pode ter diferentes significados em momentos diferentes. São as *práticas* que atribuem um determinado significado ou *sentido* ao sítio arqueológico. Porém, só é possível perceber esse tipo de práticas através da escavação dos sítios e da definição dos contextos onde esses elementos materiais nos surgem. Estas questões (aqui abordadas de forma muito superficial) obrigaram-nos a repensar conceitos, a tentar encontrar novas nomenclaturas mais adequadas à complexidade e heterogeneidade das espacialidades pré-históricas.

3. A TIPOLOGIA DE SÍTIOS/VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS – UMA PROPOSTA

Apresentamos a proposta de uma possível tipologia de sítios arqueológicos para a Pré-história Recente da Bacia Hidrográfica do Douro (**Figura 2, p. 35**), tendo como base critérios ou categorias relacionados com as suas arquiteturas. Tentamos compor expressões que não determinem uma função imediata; que nos possibilitem integrar os sítios da Pré-história Recente em determinados *Tipos*, permitindo uma maior flexibilidade conceptual e um maior encaixe de realidades variáveis. Obviamente, um trabalho desta natureza incorre numa série de riscos, nomeadamente o de “esvaziar” algumas nomenclaturas de sentido.

À partida, distinguem-se duas realidades muito distintas: os sítios que não foram intervencionados, ou que não são explícitos, e os intervencionados ou explícitos. A descoberta de materiais à superfície não é indicativo do tipo de sítio que se encontra oculto pela vegetação e/ou pelo solo. Só a escavação arqueológica permite definir com maior exatidão o seu tipo. Há, porém, algumas exceções. Por exemplo, um menir ou uma estela nem sempre são escavados, mas a sua forma é clara (ou explícita) o suficiente para permitir a sua inserção num determinado tipo.

Outra dualidade introduzida na nossa tipologia prende-se com a distinção entre sítios que se localizam ao ar livre e aqueles que se encontram protegidos numa gruta ou num abrigo sob rocha. Acreditamos que a escolha da implantação do sítio arqueológico em determinado local não se dá de forma aleatória, e, ao distinguirmos estas características, esperamos detetar alguma regularidade na análise dos dados.

Não procuramos distinguir especificamente “o mundo dos vivos” do “mundo dos mortos”, até porque na maioria dos casos não são detetados vestígios osteológicos

estruturados em enterramentos. Porém, não é por acaso que os tipos de sítios tradicionalmente associados às tumulações se encontram no esquema da tipologia com uma forma diferente. Apesar de tudo, são-lhes reconhecidas funções muito específicas relacionadas com a sua arquitetura.

A maior dificuldade que enfrentámos ao estruturar esta tipologia continua a ser o conceito de *povoado*. Optámos por alterá-lo para “sítios com estruturas”, mas este não é um ponto pacífico na discussão que temos tido com vários colegas. Continuará a ser um assunto em aberto, quem sabe passível de uma discussão profícua por parte da comunidade arqueológica, em Portugal.

4. OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO VI AO PRIMEIRO QUARTEL DO I MILÉNIO A.C. NA BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO¹

Este ponto corresponde ao capítulo II.5 da tese, consistindo numa breve síntese onde se tentam articular os dados referentes aos diferentes temas analisados, nomeadamente o povoamento, as práticas sepulcrais, os recintos, as práticas metalúrgicas, os menires, as estelas e as estátuas-menires.

O VI e V milénios a.C. são marcados pelo aparecimento, em algumas regiões, dos primeiros espaços de ocupação (ou povoados) e da introdução muito gradual de novos instrumentos de pedra polida, das primeiras cerâmicas, de algumas sementes e, muito raramente, de um ou outro vestígio de oviceprídeos. No IV milénio a.C. emergem as estruturas sepulcrais monumentais: os sepulcros megalíticos. No início do III milénio a.C. surgem grandes estruturas monumentais, marcantes nas paisagens – os recintos; os povoados multiplicam-se durante este período, caracterizados pela existência de buracos de poste, estruturas de combustão, muretes, etc. Nos finais do III milénio a.C. começam a circular instrumentos de metal, novos tipos de cerâmica de âmbito suprarregional (ou europeu), constroem-se novos tipos de sepulcros, aparecem as primeiras estátuas-menires, e surgem os primeiros povoados de fossas associados ao Bronze Inicial (Fumo e Areias Altas). Em meados do II milénio a.C. dá-se o aparecimento da metalurgia do bronze (Fraga dos Corvos); e em finais do II/inícios do I milénio a.C., a par da construção de povoados abertos, com fossas, surge uma série de povoados de altura, muitos deles não apresentando muralhas ou taludes monumentais, e a circulação de peças de bronze, de várias tipologias, aumenta consideravelmente.

Os dados sistematizados para a segunda metade do VI e o final do V milénio a.C. indicam-nos que estamos na presença de comunidades que ainda praticam economias

¹ Dado o elevado número de referências bibliográficas relativas a esta questão, optamos por não as integrar neste ponto, sugerindo, em alternativa, a consulta do Capítulo II.2 da tese.

de subsistência baseadas na caça e recolção de alimentos. Alguns “novos” elementos introduzidos neste período (a cerâmica, os instrumentos polidos, as sementes e os ovicaprídeos) não apresentam o mesmo grau de representatividade nas estações estudadas, nem parecem traduzir o desenvolvimento generalizado das práticas agrícolas ou de domesticação de animais (ovídeos ou caprídeos). O aparecimento de sementes no Buraco da Pala (Mirandela), neste período mais recuado, não é consensual e as amostras de ovicaprídeos recolhidas também são raras. Encontramos uma maior expressividade ao nível da cerâmica, que se apresenta lisa ou com alguns padrões decorativos. Os vasos são relativamente pequenos. Os instrumentos polidos são de pequena dimensão e predominam as indústrias de pedra lascada.

Em relação à arquitetura dos sítios, estamos na presença de estruturas muito simples, onde se torna evidente a raridade de buracos de poste identificados nestes contextos. A implantação destes locais revela a preferência por abrigos ou planaltos intermédios, nas proximidades de linhas de água. Um aspeto que a maior parte destes sítios apresenta, e que acaba por dificultar a sua interpretação, prende-se com as ocupações em momentos subsequentes, que acabam por perturbar e remexer os níveis mais antigos. O Prazo (V. N. Foz Côa), a Quinta da Torrinha (V. N. Foz Côa), o Buraco da Pala (Mirandela), a Fraga d’Aia (S. João da Pesqueira), os sítios da Serra da Aboboreira, todos possuem ocupações relativas a outros momentos da Pré-história Recente.

De meados do VI milénio a finais do IV milénio a.C. notamos uma continuidade ao nível do povoamento. Dos finais do V milénio a.C. (Neolítico Médio) apenas temos conhecimento de um sítio, Quebradas (V. N. Foz Côa). Em finais do IV milénio começam a surgir alguns povoados com vestígios ainda pouco expressivos: Vinha da Soutilha (Chaves), Tourão da Ramila (V. N. Foz Côa) e Barrocal Alto (Mogadouro). A presença humana no território torna-se mais evidente a partir de inícios do III milénio, existindo mais sítios e mais dados. Nos finais do III milénio a.C. notam-se algumas alterações ao nível dos materiais e das estruturas. Surgem sítios com fossas em maior número e dá-se o aparecimento de cerâmicas campaniformes, a par da alteração de formas e organizações decorativas. Alguns sítios denotam uma maior quantidade de fauna associada a estas ocupações. O segundo quartel do II milénio vê surgir um maior número de estações com fossas ou povoados de altura, cuja ocupação se prolonga até ao primeiro quartel do I milénio a.C. O número de povoados do Bronze Final é bastante expressivo, embora muitos não possuam muralhas. Algumas muralhas da Idade do Ferro parecem arrancar no Bronze Final, mas são casos raros: Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) e S. Juzenda (Mirandela).

A partir de meados do V milénio, principalmente no último quartel, surgem os primeiros monumentos sepulcrais na Serra da Aboboreira, mas é em finais do V milénio a.C. que se assiste à construção de estruturas sepulcrais que começam a adquirir algum

protagonismo na paisagem. Os primeiros monumentos são ainda discretos e com câmaras sepulcrais relativamente simples, mas estas novas arquiteturas marcam de alguma forma a paisagem em que são construídas. E situam-se, em alguns casos, em locais onde anteriormente existiu uma ocupação prévia. O tempo que separa estas ocupações ainda não é conhecido. Não se conhecem povoados coevos destas estruturas, com exceção do sítio de Quebradas (V. N. Foz Côa), que se localiza numa região, a Beira Alta, onde são praticamente nulas as referências a estruturas sob *tumulus*.

Na primeira metade do IV milénio a.C. começam a erigir-se grandes construções sepulcrais (**Figura 3, p. 36**), que contemplam uma arquitetura monumental e um conjunto de estruturas associadas, provavelmente, a diversos tipos de rituais: corredor, átrio, etc. Terão tido um tempo relativamente curto. Nas áreas onde se conhece este tipo de arquiteturas ainda estão por identificar os respetivos povoados.

Na segunda metade do IV milénio/inícios do III milénio a.C. emerge outro tipo de construções que já não possuem estruturas dolménicas no seu interior, podendo conter fossas ou inumações simples sob *tumulus*. Na primeira metade do III milénio a.C. surgem as cistas simples, sem *tumulus* (Vale da Cerva, V. N. Foz Côa) e é conhecido um enterramento secundário, de múltiplos indivíduos, no interior do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Verifica-se a reutilização de sepulcros megalíticos e constroem-se *tumuli* mais discretos, sem a monumentalidade das estruturas dolménicas da primeira metade do IV milénio a.C. No seu interior constroem-se cistas, megalíticas ou mais pequenas, existindo uma série de soluções diversas e difíceis de tipificar. No II milénio a.C. detetámos o surgimento de um novo tipo de estruturas funerárias em fossa, que se encontram, em muitos casos, associadas a povoados.

Os menires são difíceis de enquadrar cronologicamente. Estão associados ao IV milénio a.C., mas será preciso escavar e datar os *tumuli* aos quais alguns deles se encontram associados. Do conjunto analisado verificámos que nem sempre os menires se encontram na periferia de grandes monumentos dolménicos, mas sim de *tumuli* com dimensões medianas (cerca de 10 metros de diâmetro, com base nos dados das prospeções). No sítio do Prazo, perto do local onde se localizam as ocupações do Neolítico Antigo, foi erigido um menir. Este menir é, aparentemente, o único que se encontra enquadrado num contexto tão antigo como o do Prazo, embora não possamos afirmar que são contemporâneos.

As estelas associadas a sepulcros megalíticos ou a *tumuli* parecem recuar, em alguns casos, ao IV milénio a.C. No geral também são de difícil inserção cronológica, com exceção das “estelas de guerreiro”, bem delimitadas temporalmente no Bronze Final. Destaca-se o aparecimento de estelas que parecem estar associadas entre si, formando “conjuntos” ou “núcleos” de estelas, evidenciando-se o sítio do Cabeço da Mina (Vila Flor). As estátuas-menires cujas formas e iconografias são mais antigas são,

por norma, enquadráveis no Calcolítico Final/Bronze Inicial, isto é, nos finais do III milénio a.C. Outras, com base nas armas representadas, integram-se no Bronze Médio e Bronze Final.

No início do III milénio a.C. assiste-se ao surgimento de um novo tipo de sítio – os recintos, com estruturas mais consistentes, de maior dimensão, com maior quantidade de materiais, com estruturas bastante imponentes, que marcam a paisagem de uma forma completamente diferente das estruturas sob *tumulus*. Estes sítios mantêm-se ativos, ainda que não se saiba muito bem de que forma essa continuidade se plasma na sua arquitetura, até meados do II milénio a.C., como é o caso do Castelo Velho e do Castanheiro do Vento (V. N. Foz Côa). O Crasto de Palheiros (Murça) possui uma ocupação durante o Calcolítico, a que se segue um aparente hiato, e é novamente ocupado durante o Bronze Final e Idade do Ferro. Podemos falar de um grande momento para este tipo de arquitetura que, de um modo geral, se situa entre o Calcolítico, o Bronze Inicial e o Bronze Médio. Há autores que consideram que este fenómeno reaparece no Bronze final: Castelo de Matos (Baião) e Cividade (Arouca).

No início do III milénio a.C. verifica-se também a intensificação das atividades ligadas à agricultura, plasmada na quantidade de mós, instrumentos de pedra polida, grandes vasos cerâmicos e pesos de tear, e no surgimento de estruturas com milhares de sementes (no recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão e no abrigo do Buraco da Pala). Data deste momento a construção de estruturas sob *tumulus*, mas cujas estruturas interiores são diferentes dos sepulcros megalíticos anteriores e de *tumuli* que se caracterizaram por serem discretos na paisagem, algo que persistirá até ao Bronze Final; assim como de novos espaços sepulcrais, nomeadamente no interior do recinto de Castelo Velho e de duas cistas sem *tumulus* em Vale da Cerva (V. N. Foz Côa).

Num momento que é difícil de precisar, dentro do III milénio a.C., ocorrem as primeiras práticas da metalurgia no território estudado. Novamente o Buraco da Pala e os recintos de Castelo Velho e Castanheiro do Vento se destacam, pois possuem evidências da prática da metalurgia, peças em ouro e objetos em cobre. A análise dos elementos associados à prática da metalurgia permite a sua divisão em dois grandes momentos: Calcolítico e Bronze Inicial, com uma metalurgia do cobre e o Bronze Médio e Final, com a produção de instrumentos em liga de bronze. Os dados associados à prática da metalurgia, em cada um destes momentos, são ainda esparsos e reduzidos, nomeadamente quando comparados com o número de objetos metálicos em circulação.

Nos finais deste III milénio a.C. entram em circulação alguns objetos considerados como sendo fruto de relações com regiões muito distantes dentro do atual espaço europeu: as cerâmicas campaniformes e algumas peças em ouro, cobre e prata, que vão integrar tanto o espólio de estruturas sepulcrais como os tradicionais povoados ou, ainda, os recintos. É neste momento que surgem as estátuas-menires.

Os povoados abertos com fossas de finais do III, II e 1.º quartel do I milénio a.C. estão bem documentados na zona do Minho e do Douro Litoral. A sua arquitetura caracteriza-se pela existência de estruturas em negativo, normalmente designadas por fossas, com tipologias e funcionalidades diversas. Em Trás-os-Montes e Alto Douro e na Beira Alta começam a aparecer alguns sítios com fossas, demonstrando que esta realidade é extensível a várias áreas da Bacia Hidrográfica do Douro, durante a Idade do Bronze. Estes povoados, que se integram em vários momentos da Idade do Bronze, evidenciam a existência de estruturas do tipo fossa com funcionalidades distintas, mas inseridas em povoados com estruturação interna, onde parece haver uma “diferenciação funcional do espaço” que pode resultar de algum tipo de planificação prévia dos sítios. Essa realidade é bastante evidente nas Areias Altas (Porto), na Cimalha (Felgueiras) e em Monte Calvo (Baião).

Os povoados de altura surgem a partir do Bronze Médio, mas o período que regista o maior número de povoados é sem dúvida o Bronze Final. São poucos os sítios onde se conhece a construção de muralhas durante este período, mas muitos deles antecedem ocupações da Idade do Ferro. É também durante o Bronze Médio que se verifica o aparecimento da metalurgia do bronze, nomeadamente na Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros), que possui estruturas aparentemente únicas dentro da Bacia Hidrográfica do Douro.

Em relação às práticas sepulcrais, no seguimento do que já foi referido anteriormente, são várias e diversificadas, indo desde a reutilização de monumentos megalíticos à construção de fossas de diversas tipologias, na imediação de povoados coetâneos. Algumas delas estariam associadas às práticas de inumação, enquanto outras nos remetem para o fenómeno da incineração.

Em povoados de altura do Bronze Final existem evidências da prática da metalurgia, nomeadamente no Castelo de Matos (Baião), no Castelejo (Sortelha) e em Canedotes (Vila Nova de Paiva).

5. PAISAGENS E MEMÓRIAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO

Este ponto é relativo à terceira Parte da tese, contemplando a articulação dos vestígios pré-históricos com a dialética da “paisagem e da memória”.

Iniciamos este capítulo com três questões: qual o contributo da relação entre a paisagem humanizada e a memória social para a investigação em Arqueologia?; como é que os arqueólogos podem estudar a dimensão imaterial das paisagens do “passado”?; como é que os vestígios materiais dessas paisagens são percecionados nas paisagens atuais?

Procuramos perceber, neste ponto, a partir do estudo dos vestígios arqueológicos

da Pré-história Recente, como estas materialidades foram sendo assimiladas, transformadas ou abandonadas pelas comunidades ao longo do tempo (longo), num determinado espaço, sem perder de vista o contexto social e cultural atual em que se inserem.

“Na biografia das nossas paisagens transitam legados das gentes de outros tempos que são reapropriados pelas comunidades rurais contemporâneas como certamente o foram, vezes sem conta, pelas gerações que sucederam aos seus criadores. Do palimpsesto de significados atribuídos aos sítios do Passado, restam-nos as lendas e o imaginário popular” (Alves, 2009: 382).

Para estudarmos as paisagens na sua relação com o tempo, para construirmos as suas biografias, utilizando as palavras de Lara Bacelar Alves, temos de estar atentos a dois tipos de fenómenos. Em primeiro lugar, salientamos os “elementos visíveis” materializáveis pelos vestígios arqueológicos. Convém recordar que o nosso ponto de partida, onde se plasma este “entrelaçado de relações temporais e espaciais”, fundamenta-se em tal realidade. Há como que uma combinação de vários elementos, que ao longo do tempo interagem, colidem, absorvem, neutralizam, acrescentam, integram, se sobrepõem, se agrupam, se acumulam, que se materializam e que são visíveis, de diferentes formas, nos vários sítios arqueológicos que estudamos. Em segundo lugar, temos de ter em consideração “os elementos invisíveis”, a dimensão imaterial ou simbólica da paisagem, o que nos remete para a análise da tradição oral como fonte para o seu estudo.

Uma das principais finalidades da história oral e do estudo da tradição oral passa pela “reconstrução ou construção do passado” através de fontes orais. De acordo com Alexandre Parafita (2010) “a tradição oral é a transmissão de saberes feita oralmente pela comunidade, de geração em geração, isto é, de pais para filhos ou de avós para netos. Estes saberes tanto podem ser os usos e costumes das comunidades, como podem ser os contos populares, as lendas, os mitos e muitos outros textos que ficam guardados na memória (provérbios, orações, lengalengas, adivinhas, cancioneros, romanceiros, etc.)”. Normalmente, a tradição oral é usada meramente como um “instrumento de topografia arqueológica”, em que o seu contributo é reduzido a uma lista indicativa de tradições e topónimos relativos a castelos, tesouros, mouros, entre outros, que indicam locais com possível interesse arqueológico (Hrobat, 2007: 31).

Hrobat refere-nos que quando a dimensão simbólica da memória coletiva se incorpora na paisagem, torna-se possível a sua sobrevivência. Isto é particularmente visível em locais onde a destruição de certos elementos naturais é menos expectável, tal como grutas, penedos, nascentes de água, onde podemos esperar que ocorra a preservação de alguns “sentidos” ou significados. A memória dos lugares pode ser preservada pela continuidade de práticas rituais, quer com o mesmo conteúdo e/ou forma, – como é o caso da associação de penedos com a fertilidade, – ou através da sua mudança – é o

caso da cristianização de alguns cultos e locais. Por outro lado, pode haver algum tipo de rutura cultural, a partir do qual se dá a criação de lendas ou o surgimento de superstições (Hrobat, 2007: 48), como é o caso dos machados polidos que são interpretados como pedras de raio que afastam a trovoada.

Estas ideias são reforçadas por Rui Mataloto. Este autor afirma que a forma como os sítios arqueológicos “permanecem, ou foram sendo integrados nos imaginários populares é múltiplo e diverso, e está presente por exemplo nos documentos medievais, na toponímia, nas lendas locais, entre outros” (Mataloto, 2007: 137).

Constatamos, deste modo, que para estudar as Paisagens e as Memórias na Bacia Hidrográfica do Douro, tendo por base os vestígios pré-históricos, as tradicionais ferramentas da Arqueologia não são suficientes. Para se compreender a “espessura temporal” da paisagem torna-se fundamental fazer uma análise da toponímia, da documentação histórica, da tradição oral, assim como ensaiar uma “biografia” de alguns sítios arqueológicos.

5.1. Os lugares com amplas diacronias

“Schlanger amplia o conceito de lugar, propondo a utilização dos denominados *persistent places*, definidos como “(...) places that were repeatedly used during long-term occupations of regions. They are neither strictly sites (that is, concentrations of cultural materials) nor simply features of a landscape. Instead, they represent the conjunction of particular human behaviors on a particular landscape. Persistent places are places that were repeatedly used during long-term occupations of regions” (Schlanger, 1992: 97 citado em Fagundes, 2008).

Pretendemos, neste ponto, perspetivar alguns sítios arqueológicos enquanto “lugares persistentes”, que não se restringem a uma determinada ocupação num determinado tempo, mas que foram sendo reapropriados e vivenciados por diferentes comunidades em distintos momentos.

O reconhecimento da natureza multitemporal dos sítios arqueológicos, ou pelo menos de alguns deles, permite-nos pensar que aquilo que parece ser um momento único no passado, por exemplo, a construção de um curral em época contemporânea num sítio arqueológico do III milénio a.C., pode realmente incorporar uma amálgama de múltiplos eventos e escalas temporais. Não se destaca neste processo a linearidade do tempo nem a sequência estratigráfica, de um ponto de vista mais tradicional. Pelo contrário, partimos do pressuposto de que as estruturas arqueológicas não são simplesmente constituídas pela adição ou subtração de elementos arquitetónicos. Muitas vezes, são construídas e mantidas por um conjunto de ações que implicam a reutilização de estruturas já existentes e de alguns materiais; noutros casos dá-se a sobreposição de

diversos elementos arqueológicos; ou, ainda, ocorre a reprodução de determinadas formas e padrões ou modelos.

Será possível compreender de que forma as comunidades passadas “apreenderam” os vestígios materiais de outros tempos? Richard Bradley (2002) e Cornelius Holtorf (2000-2008), entre outros autores, defendem a hipótese de que diferentes comunidades pré-históricas reutilizavam estruturas e objetos do seu próprio passado, num processo semelhante ao das sociedades contemporâneas, que interpretam, hoje em dia, os monumentos antigos, incorporando-os na sua vida, no seu quotidiano.

Em alguns casos, objetos e lugares antigos foram ignorados, esquecidos, evitados ou até mesmo destruídos. No entanto, noutras situações, em determinados locais, os sítios arqueológicos tornaram-se elementos centrais da vida política, social e religiosa, de comunidades que os “reutilizavam”, muitas vezes ignorando quem tinha originalmente construído essas estruturas. Consequentemente, criavam histórias ou deliberadamente suprimiam tradições, em prol de novas interpretações sobre os sítios.

Seja através da reocupação de alguns locais, da reutilização de estruturas, ou de novas interpretações, o facto é que alguns sítios arqueológicos subsistem na paisagem e são “revisitados” em vários momentos, devido à sua capacidade de metamorfose/trans-formação e da constante reciclagem dos seus sentidos/significados (Nora, 1989: 19).

Lugares com amplas diacronias ocupam espaços mais ou menos bem delimitados, em alguns casos sobrepostos (estratigrafias verticais), noutras casos muito próximos entre si (estratigrafias horizontais), que possuem uma determinada “profundidade temporal”. Não podemos falar de continuidades em sentido restrito, porque ao falarmos de grandes períodos históricos, sabemos que existem hiatos de tempo. Estes lugares podem ter permanecido centenas de anos desabitados antes de uma pessoa, uma família, um grupo de indivíduos ou de uma comunidade se voltar a “instalar” naquele lugar. Mas há uma persistência na ocupação destes lugares, em vários momentos distintos. Isso é visível através das materialidades presentes nestes lugares. Nesse sentido, importa colocar a seguinte questão: por que razão alguns sítios foram sendo, sistematicamente, ao longo dos tempos, reocupados? Terá sido a sua localização estratégica, os recursos disponíveis, seria um espaço “sagrado”? Como estudar estes “lugares persistentes na paisagem” ou “lugares com amplas diacronias”?

Assistimos, na generalidade dos casos, ao estudo dos sítios arqueológicos de forma parcelar e fragmentada. O arqueólogo cinge-se, muitas vezes, ao estudo do período cronológico em que se especializou, descurando por vezes os outros “momentos” da vida destes lugares. Na maioria dos casos, os trabalhos de investigação relativos a estes sítios resultam de estudos parcelares no âmbito de projetos arqueológicos direcionados para diversos fins: intervenções no âmbito de obras públicas; teses de mestrado e doutoramento; trabalhos solicitados pelos municípios, entre outros. São parcelares,

como já referimos, com propósitos distintos, normalmente direcionados para o estudo de um momento específico: Pré-história, Romanização, Idade Média, por exemplo.

Além disso, é raro encontrar uma abordagem que contemple estes sítios como um todo, ou seja, que estude a multitemporalidade do lugar, desde as suas origens até aos tempos atuais. Como estudar estes lugares com amplas escalas de tempo? A nossa proposta passa por fazer uma “biografia” dos sítios ou lugares. Em geral, as biografias descrevem a vida de uma ou mais pessoas. Atualmente deparámo-nos com trabalhos arqueológicos centrados na “história de vida” dos objetos/sítios, em suma, nas suas “biografias” (Holtorf, 2000-2008).

5.2. A tradição oral e as “biografias” do Castelo Velho de Freixo de Numão e do Complexo Arqueológico do Prazo

O principal objetivo deste ponto consiste em analisar os sítios arqueológicos de Castelo Velho e do Prazo (Freixo de Numão, V. N. Foz Côa)² como “lugares persistentes” no tempo e na paisagem. Neste contexto, o conceito aplica-se a lugares que, não possuindo apenas uma ocupação pré-histórica, foram sendo reapropriados e revisitados por diferentes comunidades, em diferentes momentos.

Numa primeira fase procedemos à análise biográfica destes dois sítios arqueológicos no sentido de documentar a sua construção, a sua utilização e o seu abandono e, quando evidente, a sua reinterpretação e/ou reuso em momentos posteriores. Apesar de densamente ocupados durante a Pré-história, ambos possuem ocupações, mais ou menos expressivas, em períodos posteriores. O Prazo foi ocupado sucessivamente e sistematicamente ao longo de milhares de anos, possuindo vestígios arqueológicos que se estendem entre o Paleolítico Superior e os anos 90 do século passado. Por seu turno, Castelo Velho foi ocupado durante o III milénio e a primeira metade do II milénio a.C., possuindo apenas traços muito ténues de vestígios romanos e talvez medievais, culminando com construções que podem datar já do século XIX.

A tradição oral e o seu contributo para a compreensão destes dois sítios é também um elemento chave neste ponto. Freixo de Numão é a localidade que se encontra mais próxima destes dois sítios arqueológicos, que distam aproximadamente do centro da localidade 3,3 km para sudoeste, no caso do Prazo e 3,8 km para nordeste, no que diz respeito ao Castelo Velho. Foi realizado um conjunto de entrevistas aos moradores mais idosos desta freguesia, na tentativa de aceder às “memórias” da comunidade local

² Os trabalhos arqueológicos no Castelo Velho foram dirigidos por Susana Soares Lopes (Jorge 2005). No Prazo, Sérgio Monteiro Rodrigues (2011) dirigiu os trabalhos de Pré-história e António Sá Coixão (1999a; 1999b) orientou a escavação dos restantes períodos de ocupação do sítio.

sobre estes dois sítios arqueológicos. No total foram entrevistadas 25 pessoas nos dias 29 e 30 do mês de julho de 2009.

O sítio do Castelo Velho – o lugar e não a arquitetura pré-histórica que hoje conhecemos – apesar de ser conhecido pela comunidade local de Freixo de Numão, não se encontra associado a nenhuma lenda, existindo apenas algumas histórias pessoais contadas pelos indivíduos mais idosos da vila. Parece haver algumas constantes nestes relatos: os entrevistados tinham ouvido falar do Castelo Velho através dos seus pais ou avós, havendo a passagem de informação entre gerações. Referem-se muitas vezes aos “antigos”. Eram os “antigos” que lhes contavam estas histórias.

João de Pina-Cabral estudou a comunidade camponesa do Alto Minho e as suas perceções do passado em relação ao tempo (Pina-Cabral, 1989: 275), tendo observado que o povo do Alto Minho se referia a três classificações temporais – o “agora”, o “antes” e o “antigamente”. Esta classificação era associada a um grupo de pessoas – a *gente* (“nós”), os *velhos* e os *antigos*. Na análise das entrevistas constatámos que os informantes utilizaram repetidamente as expressões “antigamente”, “nos velhos tempos” e “os antigos”.

As referências ao aparecimento de “pratos” e de “louça” fazem-nos supor que estes vestígios eram facilmente notados pelas pessoas que se deslocavam ao topo do monte onde se situa o Castelo Velho.

A maior parte dos informantes refere a existência de pedra naquele local e o sítio arqueológico teria servido de “pedreira”. A informação oral vem reforçar o texto de Susana Soares Lopes (Jorge, 1993), que passamos a citar: “De notar que ao longo do século, e segundo informações que possuímos, o sítio serviu de autêntica ‘pedreira’ para abastecimento das populações de lajes de xisto, com vista à construção dos muros divisórios de propriedade. Tal facto contribuiu para o aspeto de verdadeiro caos de pedras amontoadas que a estação oferecia aquando o início dos trabalhos” (Jorge, 1993a: 182).

O sítio e o topónimo eram conhecidos pela comunidade local, mas não existiam vestígios arquitetónicos de vulto que os levasse a pensar que aquele lugar tivesse sido ocupado no passado, para além de um “muro” ou seja, um antigo curral. São várias as referências à existência de um “muro” associado à prática da pastorícia (**Figura 4, p. 37**). A zona onde se encontra o sítio arqueológico era igualmente conhecida por ser uma zona agricultada, com destaque para o cultivo de cereal, nomeadamente trigo e centeio.

Não obstante a importância da ocupação pré-histórica, António Sá Coixão refere ainda o aparecimento de tégula no Castelo Velho e, segundo este mesmo investigador, nas imediações foi identificado um sítio romano, nas Ameixoeiras, onde foram localizados uma lagareta e fornos, entretanto destruídos. Mais abaixo encontra-se a Figueira Preta, um sítio com ocupação romana e um lagar medieval.

Dois dos entrevistados associaram o sítio com a provável existência de um castelo medieval. Tal facto não estaria associado à arquitetura do sítio, que se encontrava praticamente oculta, mas estará relacionado com o topónimo “Castelo Velho”. As pessoas associam o topónimo “Castelo Velho” aos castelos medievais, mas esta ideia não é suportada pelas evidências arqueológicas. No entanto, o facto do nome do local ter derivado da palavra *castellum* parece ter inspirado o imaginário coletivo da comunidade local para conceber um castelo com fins defensivos durante períodos de conflito, ou um local de vigia onde fosse possível comunicar através de sinais de fumo. A localização do Castelo Velho pode ter contribuído para inspirar essas histórias, uma vez que se encontra numa área que foi no passado uma área de fronteira entre reinos cristãos e muçulmanos, e mais tarde entre o reino de Portugal e o reino de Castela. A informação oral fornecida pela população local em relação ao passado mais recente, como a existência de um antigo curral no sítio arqueológico, estava factualmente mais correta. Isto demonstra claramente como a passagem do tempo, muitas vezes tem a capacidade de “diluir” a exatidão da transmissão da informação por via oral.

Entre os vários momentos da “vida” do Castelo Velho (**Figura 5, p. 38**) destacamos os seguintes: o momento da sua construção e a forma como seria interpretado e usufruído pelos seus habitantes; as ocupações e reutilizações adentro da Pré-história Recente; as suas ocupações durante a época romana e/ou tardo-romana/alti-medieval; a sua interpretação enquanto “ruína” pelas comunidades locais que habitam aquela região; o sítio enquanto área agrícola e abrigo de animais (curral); o sítio enquanto escavação arqueológica, local de aprendizagem e sua interpretação pelos arqueólogos; o sítio arqueológico, fruto de um processo de musealização e valorização patrimonial, que “cristalizou” apenas uma fase da ocupação calcolítica do sítio; e, por último, o sítio interpretado pelos visitantes.

No que diz respeito ao Prazo, a tradição oral diz-nos que o “Freixo antigo” se localizava no Vale de São Joana (**Figura 6, p. 39**), a norte do Prazo, local “de onde as pessoas haviam fugido, abandonado de vez o lugar, porque as formigas comiam as criancinhas!” (Coixão, 2000: 423). O facto de as formigas comerem as crianças terá levado ao abandono do lugar, tendo as pessoas ali residentes vindo morar para o sítio onde se situava a atual freguesia de Freixo de Numão (Coixão, 1999b: 56). Esta lenda, que terá passado, através dos séculos, de pais para filhos, perdurou até aos dias de hoje, sendo referida por praticamente todas as pessoas entrevistadas. No que se refere à lenda das formigas, constatámos, curiosamente, que há vários locais no Norte de Portugal onde a mesma se repete. Esta parece ser uma explicação popular para o abandono de vários sítios arqueológicos ou localidades. Segundo António Sá Coixão (informação pessoal), uma das possíveis explicações para a existência da lenda das formigas no Prazo relaciona-se com o período medieval e a concessão de forais: “*As terras com foral pagavam menos*

impostos. E assim se abandonaram determinadas terras e as pessoas deslocavam-se para outras povoações”.

Assim sendo, o topónimo “Prazo”, pode estar relacionado com as expressões de “enfiteuse”, “emprazamento”, “aforamento”, ou “foro”, expressões ainda utilizadas no direito português do século XX, significando que “(...) dá-se o contrato de emprazamento, aforamento ou enfiteuse, quando o proprietário de qualquer prédio transfere o seu domínio útil para outra pessoa, obrigando-se esta a pagar-lhe anualmente certa pensão determinada, a que se chama foro ou cânon. Foi ao longo do século XIII que o nome de *emprazamento* e de *prazo* se consagrou” (Serrão, 1992: 379-380). Na análise das Memórias Paroquiais de 1758, Capela (2003: 65) apresenta e explica um conjunto de termos associados à palavra Prazo, designadamente: Emprazamento, Foro, Aforamento e Casal. Todos estes conceitos se relacionam com a exploração de terras agrícolas e atravessam a Idade Média, subsistindo ainda na Época Moderna.

Talvez o topónimo “Prazo” tenha estado, originalmente, ligado ao *prazo* ou *emprazamento* dos monges do Mosteiro de S. João de Tarouca durante a Baixa Idade Média, já que “a partir do século XIII, época em que o mosteiro de S. João de Tarouca se transforma num importante proprietário local, especialmente no lugar da Touça, passando aí a dominar a vida económica. Esta situação permaneceu até ao século XIX” (Trabulo, 2000: 23). Destaca-se a notícia de em 1344 ter havido “doação ou concessão de carta de couto dos herdamentos de D. Dinis da Granja da Touça ao Mosteiro de S. João de Tarouca, que promoveu o repovoamento do lugar e emprazou depois essas terras; desconhece-se a existência de carta de foral e da época em que possuía autonomia concelhia, que se pensa ter sido efémera” (Conceição, 1992).

Em relação ao Prazo ser considerado o “Freixo antigo” importa fazer algumas observações. Neste caso em particular, sabemos que na vila de Freixo de Numão subsistem igualmente vestígios arqueológicos contemporâneos das diferentes ocupações do Prazo. Investigações arqueológicas recentes confirmaram a existência de vestígios que datam do Neolítico até ao presente, incluindo muitas evidências de ocupação romana (Coixão, 2001: 45-52). Podemos até considerar que a povoação de Freixo de Numão possui uma densidade de ocupações muito superior à do Prazo. Por este motivo, não deixa de ser interessante questionar o porquê dos habitantes de Freixo de Numão remeterem para o Vale de S. João a origem da povoação.

A maioria dos entrevistados disse-nos que o antigo cemitério e a antiga povoação de Freixo de Numão se localizavam no Prazo, onde, após as escavações arqueológicas, eram visíveis os vestígios de uma *villa* romana e uma igreja paleocristã/medieval, mas como é óbvio esses vestígios eram muito anteriores à “memória” da população local. É provável que uma antiga vila se localizasse na Vendada ou em Almoinhas, a uma distância de dez minutos a pé do Prazo, não sendo claro onde é que os indivíduos que

frequentavam a igreja do Prazo habitavam (informação pessoal de António Sá Coixão).

Ao Prazo e às suas nascentes de água está ainda associada uma outra lenda: a lenda da Moura Encantada. Segundo António Bengala: “Ao Prazo em outros tempos, terão inventado uma lenda, que contava que aparecia a todas as pessoas uma bela mulher a estender o linho. Mais espantoso seria que esta dita mulher teria pernas de “sombreiro” e que guardava um tesouro fabuloso” (Coixão e Sobral, 1998: 61). Esta lenda possui semelhanças com outras lendas do género, onde uma moura encantada, que guardava um grande tesouro, o daria a quem a salvasse do seu encantamento. Segundo António Sá Coixão (informação pessoal): “*Por exemplo, no Prazo, para além da Lenda das Formigas, há também a lenda da Moura Encantada. (...) No século XX um indivíduo sonhou com a fonte e como conhecia a lenda da Moura Encantada, colocou dinamite e reben-tou com a fonte, mas claro, não encontrou nenhum tesouro. (...) Foi através das lendas [das Formigas e da Moura Encantada] que “cheguei ao Prazo”.* As lendas das Mouras Encantadas não se relacionam apenas com os vestígios arqueológicos, mas também com fontes. Ainda hoje o Prazo possui grande abundância de água sob a forma de linhas de água e nascentes e, nesse sentido, não podemos alegar que a lenda está ligada aos vestígios arqueológicos, podendo associar-se à fonte e às nascentes de água.

De acordo com a tradição local, no sítio do Prazo poderia ter existido uma capela dedicada a S. João ou Santa Joana, sendo que o nome do vale apoiaria esta hipótese. Teria a igreja, agora escavada, como orago aquele santo? António Sá Coixão afirma que na área existiu uma outra capela além da paleocristã/medieval. Ele crê que essa outra capela, consagrada a S. João, se situava no topo da colina ao lado do Prazo, onde é visível uma pequena plantação de amendoeiras, cujo trabalho de plantio permitiu a identificação de túmulos datados do século XIII e XIV. Este autor acredita, de igual modo, que o culto a São João poderia ter transitado para uma outra capela em Freixo de Numão. Sugere ainda que o abandono da capela de S. João, no Prazo, terá ocorrido, provavelmente, por volta do século XVII, atendendo a que pelo menos desde esse momento se encontra documentada a presença de uma igreja, entretanto desaparecida, erguida em honra a São João, na área urbana da paróquia de Freixo de Numão (Coixão, 1999b: 56).

Durante o decurso das entrevistas, alguns dos informantes fizeram referência a outros lugares como a Vendada, a Pedra Escrita, Escorna Bois, entre outros. Suscitou-nos particular interesse a “Pedra Escrita”, uma rocha granítica que contém algumas gravuras: a representação de um crânio, uma figura antropomórfica e um símbolo solar. A rocha encontra-se localizada a cerca de 100m das ruínas do Prazo, junto ao caminho da Lameira (Coixão, 1999a: 240). As referidas gravuras encontram-se associadas aos “sinos” de Numão. Várias pessoas mencionaram que ao pressionar a cabeça contra o ouvido (ou melhor dizendo, contra o crânio) gravado na rocha, era possível ouvir o to-

que dos “sinos de Numão”. Alguns dos entrevistados falaram sobre os sinos, enquanto outros destacaram a orelha, aparentemente, o crânio, de acordo com Sá Coixão, interpretando a seu modo o que observavam na rocha. É possível que esta seja a mesma rocha referida em outras histórias (por exemplo, no relato de António Augusto Sá), onde um médico teria realizado autópsias. De facto, existe algo que as pessoas podem identificar como uma orelha, gravuras que fizeram daquela pedra “escrita”, conhecida por todos aqueles que caminhavam por essas estradas antigas. As gravuras poderiam ter funcionado como um dispositivo mnemónico. Será que o caminho para a Numão passava por este rochedo? Foi associado com a capela por causa dos sinos? Pode não ser coincidência que o caminho em direção a Numão passasse por esta pedra.

Podemos afirmar que os vestígios arqueológicos do Prazo eram praticamente invisíveis. No solo observavam-se apenas alguns penedos e muros de contenção de terras, que definiam plataformas de cultivo. As estruturas arqueológicas tornaram-se visíveis, de uma forma expressiva, apenas com as sucessivas campanhas de escavações, alterando radicalmente a aparência do sítio. Embora o Prazo tenha permanecido na memória oral da comunidade local, quase todos os vestígios arqueológicos encontravam-se ocultos sob o solo. Apenas algumas pedras eram observadas à superfície no local, e foi a lenda das formigas e, porventura, a lenda da moura encantada, que preservaram a memória oral do Prazo ao longo de várias gerações. Aparentemente, as lendas podem estar associadas não apenas com os vestígios materiais, mas às vezes atuam como um “elo de ligação” com algo que já não é visível.

Foi interessante notar que a maioria das pessoas entrevistadas parecia genuinamente surpreendida com o facto “de que tantas coisas se encontravam enterradas nas profundezas da terra”. A maioria deles caminhou em torno dessa área, trabalhou no local, sem sequer suspeitar do que aí se encontrava enterrado. Um dos entrevistados estava realmente intrigado e surpreendido com a ideia de que se tinham plantado batatas num lugar onde, antigamente, se enterravam os mortos.

Na área onde se localiza o “sítio” do Prazo podemos encontrar: os vestígios pré-históricos, incluindo os abrigos; as gravuras rupestres que datam talvez da Idade do Bronze (a “Pedra Escrita”), que se situam ao lado da estrada romana; a *villa* romana; a igreja paleocristã/medieval e as sepulturas; a capela medieval/moderna (dedicada a São João?), com túmulos; as casas agrícolas do século XX e a estrutura para secar figos; o caminho para Numão e Seixas; as propriedades, hortas, prados, vinhas; e as fontes de água. Foi construído um anfiteatro ao ar livre, associado ao restauro das casas agrícolas onde ficou implantado o Centro de Interpretação do sítio.

No caso do Prazo, as estruturas arqueológicas não eram observáveis, pelo menos, até meados do século passado, quando a plantação de árvores fez com que os túmulos reaparecessem. No passado, também é provável que os trabalhos agrícolas, como

o lavar da terra, pudessem ter desenterrado vestígios arqueológicos, o que pode ter surpreendido os habitantes locais e dado origem a algumas das histórias referidas nas entrevistas. Mesmo que os sítios arqueológicos originalmente tivessem tido um impacto marcante na paisagem, estes poderiam desaparecer rapidamente devido a um conjunto de processos de sedimentação. Atualmente, os sítios arqueológicos são, muitas vezes, invisíveis na paisagem. Há lugares que persistem na paisagem ao longo de milénios porque de alguma forma sobrevivem na memória das pessoas e das comunidades. É através da memória social que alguns lugares persistem e se tornaram “marcadores” de paisagens.

NOTAS FINAIS

Por fim, gostaríamos de salientar que através de uma abordagem mais holística, empregando e interligando fontes arqueológicas, históricas e etnográficas (sublinhando a importância da tradição oral e da toponímia) enriquecemos o nosso conhecimento dos sítios arqueológicos. Procurámos demonstrar que o conhecimento que a comunidade local possui sobre os sítios arqueológicos não é apenas útil para a sua “descoberta”, mas é igualmente importante para a sua caracterização e interpretação. A compreensão do contexto social e cultural atual em que os sítios arqueológicos se inserem, apresenta-se como um elemento de estudo e de reflexão em Arqueologia. No fundo, acreditamos que a tradição oral não só nos ajuda a compreender as mais recentes “biografias”/ histórias de vida dos sítios, permitindo uma valorização das etapas posteriores da sua existência, mas também oferecendo “reflexos” das suas narrativas passadas.

O estudo destes sítios com amplas diacronias só resulta verdadeiramente se existirem trabalhos de investigação, nomeadamente escavações arqueológicas, com recurso a equipas de investigadores de múltiplas áreas científicas, trabalhos cuja estruturação deve ser realizada de forma articulada e sistemática. Será necessário proceder à análise das materialidades arqueológicas existentes nesses sítios, mas também da documentação histórica, da toponímia, da cartografia antiga, das tradições e das crenças populares.

Os “lugares persistentes” de Castelo Velho de Freixo de Numão e do Prazo são exemplos de sítios com amplas diacronias, onde se pode realmente observar as ressonâncias e ligações entre os seus vários “tempos” e “momentos”. Mas existem inúmeros sítios arqueológicos que possuem igualmente ocupações multiseculares ou multitemporais, dos quais destacamos: o Santuário de S. Salvador do Mundo (S. João da Pesqueira); o castelo de Penas Roias (Mogadouro); o sítio do Baldoeiro (Torre de Moncorvo); a Senhora do Castelo – Urros (Torre de Moncorvo); a Vila Fortificada de Carrazeda de Ansiães (Carrazeda de Ansiães); a Vila Velha (Vila Real); o Castro de São Jurge – Ranhados (Meda); a área urbana de Freixo de Numão (V. N. Foz Côa), entre mui-

tos outros. Em todos estes lugares ocorrem fenómenos de reapropriação de materiais e estruturas, abandono de determinadas áreas e a ocupação de novas zonas, a destruição intencional de estruturas e espaços arquitetónicos ou a sua reconstrução. E ainda, a (re) interpretação dos vestígios pelas diferentes comunidades ao longo dos tempos.

Em suma, quando nos propomos analisar este fenómeno de sobreposição temporal, não estamos a afirmar categoricamente que as comunidades que foram ocupando estes lugares tinham conhecimento das comunidades que as precederam. No entanto, existem vários exemplos da reutilização de materiais e da reorganização de algumas estruturas, sendo evidente a manipulação de elementos “mais” antigos por comunidades mais recentes. Em alguns casos é possível apurar de que forma determinados lugares foram sendo revisitados, reconstruídos, reapropriados. Existem muitas questões em aberto, nomeadamente por que motivo alguns lugares foram tão densamente ocupados e outros permaneceram completamente esquecidos ao longo dos tempos. São interrogações que merecem uma reflexão cuidada e que nos indicam novos caminhos de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Lara Bacelar (2009) – O sentido dos signos – reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no Norte de Portugal. In R. de Balbín Behrmann (ed.), *Arte Prehistórico al aire libre en el sur de Europa*, Junta de Castilla y Leon. p. 381-413.

BRADLEY, Richard (2002) – *The Past in Prehistoric Societies*, London: Routledge.

CAPELA, José Viriato (2003) – *As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758: a construção do imaginário minhoto setecentista*. Braga: s.n. Vol. 1.

COIXÃO, António Sá; SOBRAL, Vitor (coord.) (1998) – *Do imaginário ao real no Freixo de Antanho*. Freixo de Numão: ACDR de Freixo de Numão.

COIXÃO, António Sá (1999a) – *A ocupação humana na Pré-história recente na região de entre Côa e Távora*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Almada: ACDR de Freixo de Numão.

COIXÃO, António Sá (1999b) – *Rituais e cultos da morte na região de Entre Douro e Côa*. Freixo de Numão: ACDR.

COIXÃO, António Sá (2000) – A Romanização do aro de Freixo de Numão. In JORGE, V. O., Coord. – *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica*. Porto: ADECAP (Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, 6), p. 422-440.

COIXÃO, António Sá (2001) – Novos dados para o estudo do povoamento da área urbana de Freixo de Numão da Pré-história aos nossos dias. In *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, n.º 3. p. 45-52.

CONCEIÇÃO, Margarida (1992) – Pelourinho de Touça. In IHRU/SIPA. (em linha). [consultado em 24 fevereiro 2014]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1527

FAGUNDES, Marcelo (2008) – *Uma Análise da Paisagem em Arqueologia – Os Lugares Persistentes*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/7203/1/Uma-Analise-Da-Paisagem-Em-Arqueologia-Os-Lugares-Persistentes/pagina1.html#ixzz1Dfo5zD2X>

HOLTORF, Cornelius (2000-2008) – *Monumental Past: The Life-histories of Megalithic Monuments in Mecklenburg-Vorpommern (Germany). A living electronic monograph*. University of Toronto: Centre for Instructional Technology Development. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1807/245>.

HROBAT, Katja (2007) – Use of Oral Tradition in Archaeology: The case of Ajdovscina above Rodik, Slovenia. In *European Journal of Archaeology*, SAGE Publications, Vol. 10 (1). p. 31-56.

JORGE, Susana Oliveira (1993a) – O povoado do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história Recente do Norte de Portugal. In *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. I, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 33, 1-2. Porto: SPAE. p. 179-221.

JORGE, Susana Oliveira (2000b) – Problematizando a Pré-História Recente de Portugal (VI – II milénios a.C.). In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 40 (3-4). Porto: SPAE. p. 75-99.

JORGE, Susana Oliveira (2003b) – A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos 25 anos. In *Os Reinos Ibéricos na Idade Média. Livro de Homenagem ao Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno*. Porto: Livraria Civilização. Vol. III. p. 1453-1482.

JORGE, Susana Oliveira (2003a) – Pensar o espaço da Pré-história Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica. In *Recintos murados da Pré-História Recente*, DCTP (FLUP)/CEAUP (FCT), Porto/Coimbra.

JORGE, Susana Oliveira (2005) – *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Afrontamento, Biblioteca de Arqueologia, 2.

MATALOTO, Rui (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto alentejano”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10, p. 123-140.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) – Pensar o Neolítico Antigo. Contributo para o Estudo do Norte de Portugal entre o VII e o V milénios a. C. In *Estudos Pré-históricos*, 16. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.

NORA, Pierre (1989) – Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. In *Representations 26*, UCSB – Department of History. [Disponível em: <http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/89NoraLieuxIntroRepresentations.pdf>]

PARAFITA, Alexandre (2010) – *O que é a Tradição Oral?* Alexandre Parafita (online)[Disponível em: http://www.trasosmontes.com/alexandreparafita/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=36]-

PINA-CABRAL, João (1989) – *A percepção do passado. Filhos de Adão, Filhas de Eva*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul (1996) – *Archaeology, Theories, Methods and Practice*. Fifth Edition. Thames and Hudson. Glossary. (em linha). Disponível em: [<http://www.thamesandhudsonusa.com/web/archaeology/5e/glossary.html>] (Acedido a 25 de Janeiro de 2010).

SERRÃO, Joel (1992) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas. Vol. II.

TRABULO, António Alberto (2000) – O concelho de Numão (1130-1655). In *Côavisão: Cultura e Ciência*, nº 2. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. p. 21-33.

VILAÇA, Raquel (1995) – Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. In *Trabalhos de Arqueologia*, vol. 9, IPPAR, Lisboa, vol 1.

FIGURAS
FIGURES



Figura 1 – Bacia Hidrográfica do Douro (mancha verde, delimitada a ocidente pelo traço preto) (Carta da Hidrografia Continental – Principais Bacias Hidrográficas. 1992).

Figure 1 – The Douro River basin (the green area, delimited to the West by a black line) (Carta da Hidrografia Continental – Principais Bacias Hidrográficas. 1992).

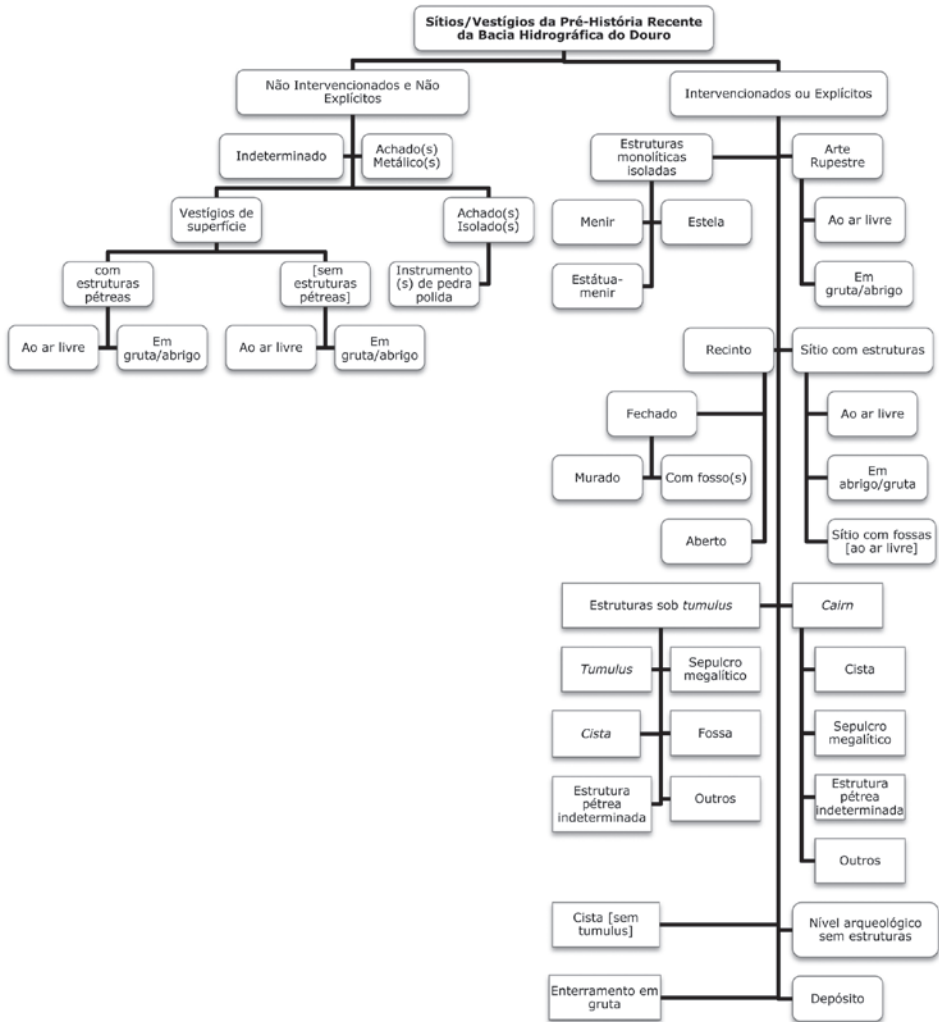


Figura 2 – Tipologia de Sítios/Vestígios Arqueológicos (do VI ao I milénio a.C.) – uma proposta.

Figure 2 – Typology of archaeological sites and remains (6th to 1st millennium BC) – a proposal.



Figura 3 – Vilarinho da Castanheira – Pala da Moura (Carrazeda de Ansiães).
Figure 3 – Vilarinho da Castanheira – Pala da Moura (Carrazeda de Ansiães).

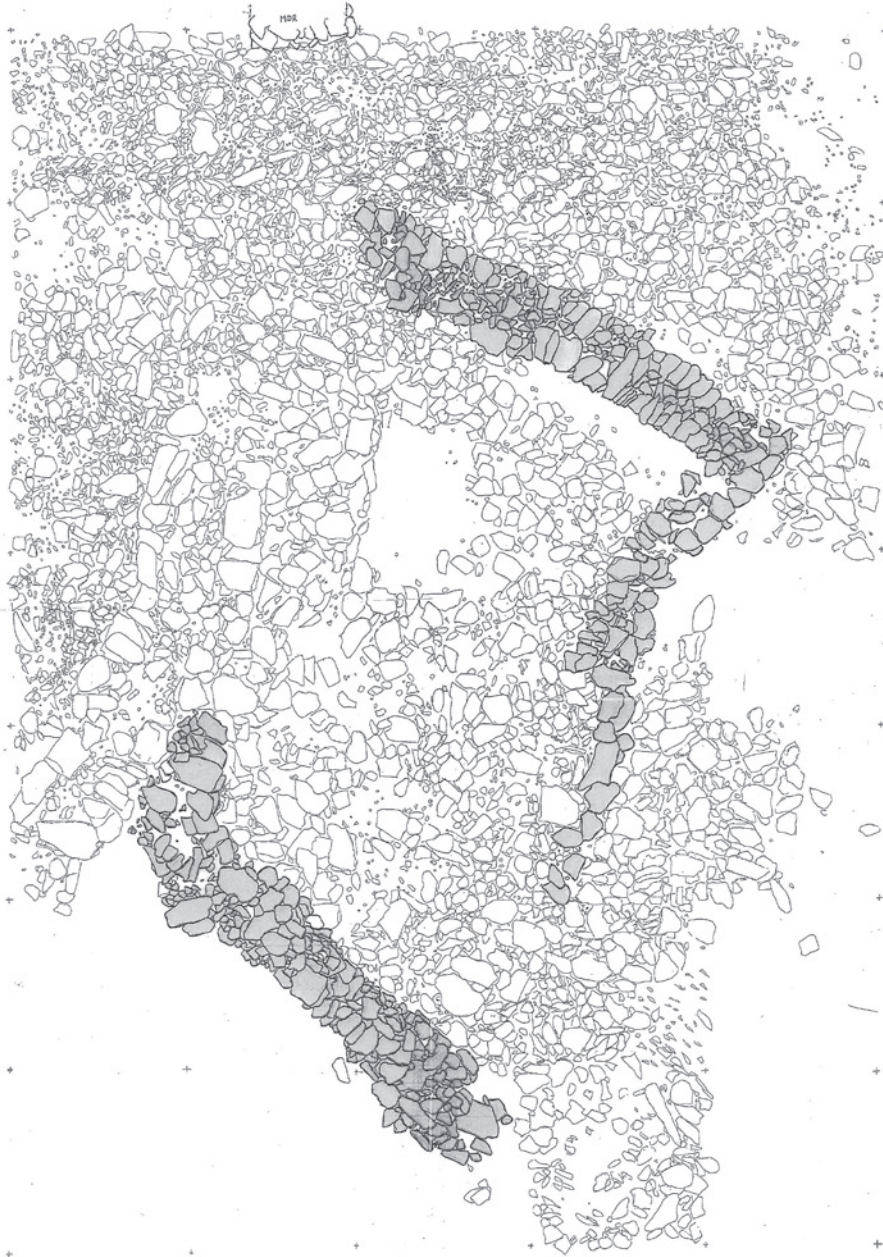


Figura 4 – Estrutura designada por “Muro” ou curral de época contemporânea, detetado no recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão (V. N. Foz Côa).

Figure 4 – The structure identified at Castelo Velho de Freixo de Numão (V. N. Foz Côa), the so-called “Muro” (“wall”) or contemporary cattle pen.



Figura 5 – Uma perspetiva do Castelo Velho de Freixo de Numão (fotografia de Lurdes Cunha).
Figure 5 – A view of Castelo Velho de Freixo de Numão (photo by Lurdes Cunha).



Figura 6 – Vale de S. João ou Sã Joana. O sítio arqueológico do Prazo localiza-se no lado esquerdo da imagem.

Figure 6 – The São João or Sã Joana valley. The Prazo archaeological site is located to the left.

A CONTRIBUTION TO THE STUDY OF ARCHAEOLOGICAL REMAINS – FROM THE SIXTH TO THE FIRST MILLENNIUM BC LANDSCAPES AND MEMORIES IN THE DOURO RIVER BASIN

Alexandra Vieira

alexandra.vieira@gmail.com

Abstract

This study will focus on the late prehistoric archaeological remains from the Portuguese Douro River basin and attempts to understand how these places contributed to the construction of the region's memories and landscapes. The study develops in two directions: on the one hand, a set of available data about the archaeological remains was gathered and systematized in order to model how prehistoric societies have occupied the different territories of the region; on the other hand, it tries to understand how such remains were appropriated or transformed in later times, by exploring the intertwining of prehistoric remains within the dynamics of memory and landscape of the communities which inhabited this region up to the present day.

This thesis is composed of three distinct parts. Part I corresponds to the chapters concerning the definition of the focus of the study, the research framework and the analysis strategy and methodologies.

In Part II, the sites themselves are approached in a concise manner, within the history of the archaeological research on the area, including the region's late prehistoric new finds. The information compiled in the database enables a discussion on the current state of knowledge and on how it can be used as a research tool. Finally, the main "lines of force" that characterize the ways in which prehistoric communities inhabited the Douro River basin are explained.

Part III studies the way in which late prehistoric sites participated in the construction of memory and landscape in later periods. I begin by discussing the concepts of memory and landscape and then, through the analysis of historical documentation, the place names, traditions and folk beliefs are also discussed. I also sought to characterize the biographies of long-occupied archaeological sites and the dynamics of incorporation of prehistoric remains into the landscape and memory of modern communities.

Keywords: Archaeological remains, Late Prehistory, Douro River basin, Memory, Landscape.

ACKNOWLEDGEMENTS

I am grateful to the Associação dos Arqueólogos Portugueses for the honourable mention given to my thesis and for the publication of this monograph. I would also like to thank all those many people who contributed to the completion of my doctoral thesis. I really owe the successful completion of this project to the generous contributions from a large number of fellow archaeologists, institutions and friends but I would like to extend a special acknowledgment to Ana Vale, António Mourão, Helga Marques, Lurdes Cunha, Lídia Baptista, Sandra Santos and Sérgio Gomes. Thank you all for your support.

INTRODUCTORY NOTE

This publication results from the honourable mention given to the doctoral thesis “Contributo para o estudo dos Vestígios Arqueológicos – do VI ao I milénio a.C. Paisagens e Memórias na Bacia Hidrográfica do Douro”, in the scope of the 2016 Eduardo da Cunha Serrão Awards. The thesis was supervised by Susana Soares Lopes and defended on December 14th 2015 at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto. The present text is a synthesis of the different subjects included in the thesis. As it was impossible to succinctly discuss each and every subject, a choice was made to highlight some aspects only; the full publication can be found as an annex in digital format.

1. UNIVERSE OF STUDY AND THESIS STRUCTURE

This monograph culminates a research project based on three main vectors: prehistoric remains dated between the 6th millennium and the first quarter of the 1st millennium BC, social memory and humanized landscapes. Thus, it focuses on late prehistoric archaeological remains from the Douro River basin, in the present-day Portuguese territory (**Figure 1, p. 34**), trying to understand how these vectors contributed to the construction of the memories and landscapes that characterize this region.

Concerning the study of Late Prehistory, information pertaining to site variability was gathered and systematized using a purpose-built database. The typification of data allowed for the definition of some study subjects: human settlement, enclosures from the 3rd millennium BC, burial practices, metallurgical practices, menhirs, stelae and statue-menhirs.

Regarding the dynamics of “landscape and memory construction”, the research enquiry aimed at answering the following questions: in which ways can Archaeology provide interpretive tools for the perception of landscapes? Could such tools be applied to Late Prehistory? How does human experience leave its mark on a certain space?

Which circumstances surrounded the discovery of archaeological sites? What is the relationship between archaeological remains and oral tradition? What kind of “memories” of the archaeological sites do local communities have? How were prehistoric remains integrated in present-day landscapes? How were the materials and structures reused?

The structure of this doctoral thesis features three different parts: i) the first part concerns the presentation or definition of the universe of study; ii) the second part specifically concerns the archaeological remains from the Douro River basin, dated between the 6th millennium and the first quarter of the 1st millennium BC; iii) the third part focuses on the role of prehistoric remains in the “dynamic construction” of landscapes and memories.

Part I includes three chapters where the research project is presented. The first chapter presents the development and adaptation of the author’s goals in the scope of the progress and transformation of the research. This chapter also deals with the study’s spatial and temporal scales. The second chapter includes a more detailed characterization of the research project’s geographical setting: the Douro River basin, in the present-day Portuguese territory. As far as the research subject and methods are concerned, it should be mentioned that some 2 410 sites were analysed and systematized in a database that was purpose-built to provide answers for the previously referred objectives. Some methodological issues are also approached in the third chapter.

Part II concerns the analysis of the late prehistoric archaeological remains from a vast area of the Portuguese territory. Still, it is not meant to be a synthesis, in the sense of a “narrative” on Late Prehistory. Therefore, while reading this part one should bear in mind that: firstly, this is such a large-scale and broad-ranging research that it is rather difficult to access, analyse and compare all data; secondly, this study starts from the analysis of very diverse data and areas and, moreover, a high percentage of the sites were only surveyed.

What results was this study meant to achieve? The knowledge of the prehistoric remains (6th millennium to the first quarter of the 1st millennium BC) that were identified and excavated within the Douro River basin, based upon data systematization and starting from the same assumptions and analysis parameters. Thus, all available data pertaining to the study of this region were congregated in the same record in order to enable comparisons between realities with different “resolution degrees” and the definition of research lines aimed at integrating those diverse realities.

The second part includes five chapters focusing on the compiled and analyzed data from prehistoric remains, which feature different analysis scales and different systematization degrees. The first chapter included a brief approach to the main research projects within the study area, from the 1970s to the present. Chapter II.2 is intended to systematize the state of knowledge of Late Prehistory in the study area. Thus, I selected a number of publications by Susana Soares Lopes, Maria de Jesus Sanches, Domingos

Cruz and Ana M.S. Bettencourt, among other authors, in an attempt at reviewing and combining the main ideas put forward in the referred texts on the Late Prehistory of the regions of Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta and Douro Litoral.

Chapter II.3 encompasses the various issues arising from the analysis of prehistoric remains and aims at characterizing some of the archaeological sites/remains. This chapter features six subchapters that deal with the following subjects, at different scales: human settlement, enclosures from the 3rd millennium BC, burial practices, metallurgical practices, menhirs and the joint analysis of stelae and statue-menhirs. New sites have been identified during the last seven years; thus, the text includes a brief description of these new sites and highlights, whenever possible, those sites that are so far unpublished or poorly known. As far as human settlement is concerned, I chose to characterize some archaeological sites that, from my point of view, may provide relevant information for understanding the subject matter. Regarding burial practices, I highlighted the pit burials, which start occurring by the beginning of the 2nd millennium BC and are arguably related to the pit settlements. I also chose to highlight cave burials, as it seemed interesting to analyse such burials as a whole due to the reduced number of known sites. Concerning metallurgy, the project basically organizes the available information and pin-points the sites where evidence for metallurgical practices was gathered. With regard to stelae and statue-menhirs, the text includes a catalogue of sites with an emphasis on the new group of stelae that were discovered in recent years. Finally, a more thorough work was carried out as far as menhirs are concerned.

Chapter II.4 aggregates a number of considerations on the limitations and possibilities of the data compiled on the database. Some statistical data are presented and some consideration is given to the difficulties arising from such a comprehensive study. Furthermore, I do put forward some possibilities of analysis or interpretive practices but I nevertheless stress that a deeper discussion of such possibilities far exceeds the scope of an individual project. Finally, chapter II.5 briefly presents the main threads detected through the analysis of the prehistoric remains from the Douro River basin.

The concepts of “social memory” and “humanized landscape” are analysed in the first chapter of part III, titled “Landscape and Memory: concepts and research lines”. This chapter further presents the concepts and research lines that provide the directions followed in the ensuing chapters, which pertain to the development of different approaches and contribute, as a whole, to the understanding of the dynamic construction of memories and landscapes, using archaeological remains and particularly the prehistoric remains as a starting point. The third part can be subdivided into two chapter groups:

- i.* The first group includes chapters III.2, III.3 and III.4 and concerns the analysis of the different means or instruments which allow for different approaches to prehistoric

archaeological remains. The archaeological remains recorded on the database and dating from between the 6th and the 1st millennium BC are the basis for the analysis of historical documents and toponymy. Furthermore, an initial survey of folk beliefs and traditions from within the Douro River basin is also included here.

- ii. Following the above, research on the previously referred data and subjects enabled an analysis of the archaeological sites occupation sequences and an attempt at sketching a perspective of sites featuring a broad diachrony, included in chapter III.5. Basically, I tried to outline the “biography” of certain archaeological sites that provided evidence for very long occupations. This study is characterized by a tendency towards macroscale analyses, encompassing extensive geographical areas but, in the end, the scale reaches down to the level of two archaeological sites: Castelo Velho de Freixo de Numão and Prazo (also referred to as “Complexo Arqueológico do Prazo”), both located at Freixo de Numão (V. N. Foz Côa). Chapter III.6 includes a presentation and a correlation of the archaeological, historical, toponymic and ethnographic (oral tradition) data, in order to understand how the dynamics of archaeological remains contribute to the construction of memories and landscapes in the Douro River basin.

The three structural parts of this doctoral thesis may work as separate entities even though they are all related. Thus, the epilogue, the last text of the thesis, deals with two essential aspects: the difficulties experienced during the completion of such a vast project; and the future research lines, which may be defined through the analysis of the three pillars of this research work: prehistoric remains, landscape and memory.

2. THE CLASSIFICATION OF LATE PREHISTORIC SITES AND REMAINS

When we think about archaeological sites we think about sites identified through the presence of material remains, regardless of their nature and chronology. Looking into the Late Prehistory of the Douro River basin one realizes that many of the recorded sites were identified during survey works. In many cases the materials – such as prehistoric pottery shards and lithics with late prehistoric affinities – and structures (namely walls) were detected on the surface and immediately assigned a typological and chronological classification, often based on insufficient data. Some sites were classified as “settlements”; yet only a few late prehistoric pottery shards were really found there and such sites might as well have been classified as occupation remains, miscellaneous remains, habitats or surface scatters. On the other hand, one must also acknowledge the researchers’ need to try and “fit” the discovered remains into site typologies even though this can be a problematic process.

Classification may be understood as the structuring or organization of certain phe-

nomena in terms of groups or other classification systems, based upon shared attributes. Classifying archaeological sites or defining site typologies requires a systematic organization of certain elements in *types*, based upon shared attributes, a *type* being a set of elements defined by the consistent clustering of attributes (Renfrew and Bahn, 1996).

According to Raquel Vilaça "(...) establishing a typology requires a previous and carefully selected attribute hierarchy that enables a definition, and therefore a distinction between a particular type and all the other types; each type features a different attribute pattern. Thus, creating a typology requires a much more thorough approach and the establishment of rigorous parameters" (Vilaça, 1995: 42).

Any attempt at classifying archaeological sites must be based upon objective criteria, using both qualitative and quantitative attributes. Nowadays, as one considers the commonly used late prehistoric typologies, one may conclude that many of the above referred archaeological sites fit into the following categories:

- Location: either open-air sites or rockshelters/caves;
- Architecture: open or enclosed settlements, *tumuli*, cists, megalithic monuments, cromlechs, stelae, menhirs and pits, among others;
- Time: seasonal, temporary, permanent;
- Spatial management/functionality/interpretation: habitat, settlement, tomb, sanctuary; according to the interpretation of data;
- Practices/contexts: domestic; funerary/cult; ritual; according to the interpretation of data.

Until only recently, everything that wasn't a *burial* or a *rock art sanctuary* would be classified as a *settlement*, a category often associated to the concept of profane. If one would come across a walled enclosure, then it would be a defensive location, i.e. a hillfort. These classical classifications are set upon dichotomies: domestic vs. ritual; places of the living vs. places of the dead (Susana Soares Lopes, pers. comm.).

"I don't think words are innocuous. Settlement, hillfort, enclosure, necropolis, etc. all have a history that explains not only their emergence but also their more or less lengthy use" (Jorge, 2003a: 9-10).

From the 1990s onwards some assumptions and paradigms have been questioned, which allowed for some new ways of "looking" at the material testimonies. In Susana Lopes' own words "(...) what mostly changed was the way we "look"; how we look at archaeological remains, sites, the landscape and indeed the way Archaeology is carried out. It was not by chance that "new sites" appeared in various areas of the Trás-os-Montes and Alto Douro regions" (Jorge, 2003b: 1431).

What are these “new sites”? There is, for example, the concept of multifunctional enclosures, where various ritual contexts coexist in rather complex ways. Such sites subvert the traditional dichotomy between “domestic spaces” and “funerary/ritual spaces” (Jorge, 2000b: 97).

According to the same authoress, the traditional approach includes an opposition between what belongs to the habitational places and to the funerary/cult places, as well as a secular/profane vs. ritual opposition. Yet, the “ritual” domain crosses all the contexts and thus it cannot be considered separately. Hence, problematizing the notion of ritual is a fundamental issue, but one that far exceeds the objectives of this study. Some nomenclatures are “vitiating” as they almost linearly transpose contemporary concepts into Late Prehistory. One must be aware that a megalithic necropolis is not a present-day cemetery and that a prehistoric “settlement” is not a present-day village (Jorge, 2005).

By questioning the habitational/ritual dichotomy, Susana Soares Lopes raises an important discussion around some stabilized concepts and terminologies, such as “domestic life”, “common use/domestic use” or “settlement”. This discussion is critical to the characterization of late prehistoric sites or even for some issues pertaining to the construction of landscape in Prehistory. Realities are not so tight anymore and are becoming more fluid instead (Jorge, 2005).

Under the light of this new perspective, it seems reductive to categorically classify the “places where people lived” (settlements) and the “sacred places” (for example, rupes-trian “sanctuaries”) based upon an exclusively archaeographic and often superficial analysis. Indeed, a rockshelter might have been used as a domestic place, as a necropolis or even as a rock art “sanctuary”. Basically, one must admit that archaeological sites can be multifaceted. Nowadays we are aware that the same site may have had different meanings at different moments. The *practices* grant the archaeological sites a certain meaning or *sense*. Yet, this type of practices can only be understood through site excavation and the definition of the contexts where the relevant material elements were found. These issues (which were hereby approached in a very superficial way) made me give serious consideration to some concepts and try to find new nomenclatures, more adequate to the complexity and heterogeneity of the prehistoric spatialities.

3. THE TYPOLOGY OF ARCHAEOLOGICAL SITES AND REMAINS – A PROPOSAL

I hereby present a proposal for a possible typology of archaeological sites from the Douro River basin’s Late Prehistory (**Figure 2, p. 35**). This proposal is based upon criteria or categories related to the sites’ architecture. I tried to form expressions that do not determine an immediate function and that enable an integration of late prehistoric sites into certain Types, which would allow for an increased conceptual flexibility and an in-

creased capacity of fitting variable realities. Obviously, this kind of effort faces a number of risks, namely the danger of rendering some nomenclatures meaningless.

To start with, there are two very diverse realities: the sites that were not subject to any archaeological intervention or that are not explicit and the sites where interventions did take place or are explicit. The discovery of materials on the ground surface is not an indication of the type of site, as the site itself remains hidden by vegetation and/or soil. Only archaeological excavations may provide a more precise definition of the type of site. There are, nevertheless, some exceptions. For example, menhirs or stelae are not always excavated but their forms are clear (or explicit) enough to assign them to a certain type of site.

I introduced yet another duality in this typology, one that is related to the distinction between open-air sites and sites that are protected inside a cave or rockshelter. I do believe that the particular location of an archaeological site is not random but a matter of choice. By highlighting such characteristics I do hope to detect some degree of regularity in data analysis.

Moreover, I did not seek to specifically tell the “world of the living” apart from the “world of the dead”; indeed, in most cases no articulated skeletal remains are found in the burials. Yet, it is not by mere chance that the types of sites traditionally associated to burials are to be found under a particular form in the typological systems. After all, this type of site is supposed to have had very specific functions, related to its architecture.

The major difficulty I was faced with while I was structuring this typology is still linked to the concept of *settlement*. I chose to change it into “sites with structures” but this is not a consensual issue in terms of my ongoing debate with several colleagues. It will remain an open issue and it might even become the subject of a fruitful discussion within the archaeological community of Portugal.

4. THE ARCHAEOLOGICAL REMAINS FROM THE 6TH MILLENNIUM TO THE FIRST QUARTER OF THE 1ST MILLENNIUM BC IN THE DOURO RIVER BASIN¹

This section corresponds to chapter II.5 of my thesis and it consists of a brief synthesis that aims at combining data pertaining to the various analysed subjects, namely settlement, burial practices, enclosures, metallurgical practices, menhirs, stelae and statue-menhirs.

The 6th and 5th millennia BC are characterized by the appearance, in some regions, of the first occupied spaces (or settlements) and the gradual introduction of new polished stone tools, the first ceramics, some seeds and, very rarely, some scarce remains

¹ Due to the considerable amount of references pertaining to this issue I chose not to include the references in this section, but they can be found in chapter II.2 of the thesis.

of ovicaprids. The monumental burial structures, i.e. the megalithic monuments, appear during the 4th millennium BC. The beginning of the 3rd millennium BC is marked by the emergence of large monumental structures: the enclosures, which are conspicuous landmarks. There is also an increase in the number of settlements during this period; settlements are characterized by the presence of post-holes, combustion structures, low walls, etc. Some changes occur by the end of the 3rd millennium BC: there is the circulation of metallic objects, new types of ceramics are present at supra-regional or even European level, the first statue-menhirs appear, as well as the first ditched enclosures associated to Early Bronze Age (Fumo and Areias Altas). Bronze metallurgy emerges during the mid-2nd millennium BC (Fraga dos Corvos). And, by the end of the 2nd millennium and the early 1st millennium BC, pit settlements were being built, along with a series of hill settlements, many of which do not feature monumental walls or earthen ramparts; moreover, there is a significant increase in the circulation of various types of bronze items.

The systematized data pertaining to the second half of the 6th millennium and the end of the 5th millennium BC indicate that these prehistoric communities still practiced subsistence economies based on hunting and gathering. Some “new” elements were introduced during this period (pottery, polished tools, seeds and ovicaprids) but are diversely represented in the studied sites and don’t seem to account for a generalized development of agricultural practices or animal husbandry (ovids or caprids). The presence of seeds during this period at Buraco da Pala (Mirandela) is not consensual and the ovicaprid samples gathered at this site are rather scarce. The ceramics are nevertheless more eloquent and include both decorated and undecorated types; vessels are relatively small. Polished tools are also small-sized and knapped stone industries are still predominant.

Regarding the architecture of the sites, the structures are rather simple and there is a striking scarcity of post-holes. The location of the sites suggests a preference for rock-shelters or intermediate elevation plateaus, in the vicinity of watercourses. Most of the sites feature various occupation phases, which complicates matters as far as site interpretation is concerned, as the new occupations tend to disturb and mix-up the older layers. All of the following sites feature occupations dating from different moments of Late Prehistory: Prazo (V. N. Foz Côa), Quinta da Torrinha (V. N. Foz Côa), Buraco da Pala (Mirandela), Fraga d’Aia (S. João da Pesqueira) and the Serra da Aboboreira sites.

Between the mid-6th millennium and the end of the 4th millennium BC one can observe a continuity in terms of settlement. There is only one known site ascribed to the end of the 5th millennium BC (Middle Neolithic): Quebradas (V. N. Foz Côa). Some settlements can be dated to the end of the 4th millennium BC even though the remains are not very eloquent: Vinha da Soutilha (Chaves), Tourão da Ramila (V. N. Foz Côa) and Barrocal Alto (Mogadouro). The human presence in the studied territory becomes

more obvious from the early 3rd millennium onwards: there are more sites and more data. Some changes in the structures and the materials can be noticed by the end of the 3rd millennium BC: a larger number of ditched sites and the appearance of Bell Beaker ceramics, along with changes in the shapes and decorative patterns. Some sites denote a higher amount of faunal remains associated to the human occupations. During the second quarter of the 2nd millennium there was an increase in the number of pit settlements sites or hill settlements, which were occupied until the first quarter of the 1st millennium BC. There is a substantial number of Late Bronze settlements, even if many of those do not have big defensive walls. Arguably, some Iron Age walls are of Late Bronze origin but these are rare cases: Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) and St. Juzenda (Mirandela).

The first funerary monuments of Serra da Aboboreira appear from the mid-5th millennium onwards, and particularly during the last quarter, but the burial structures only became conspicuous landscape elements by the end of the 5th millennium onwards, and particularly during the last quarter. The early monuments are still rather discreet, featuring relatively simple burial chambers; but even so, these new architectural types somehow became markers in the landscape they were built upon. Some monuments were built in locations that feature previous occupations. The timespan of these different occupations is not yet known. So far there are no known sites that might be coeval with these structures, excepting the Quebradas (V. N. Foz Côa) site, which is located in a region where references to *tumulus*-covered structures are practically non-existent.

Major funerary structures (**Figure 3, p. 36**) started to be built during the first half of the 4th Millennium BC. These structures feature a monumental architecture and a number of other structures, probably associated to various types of rituals: passageway, atrium, etc. These monuments could have been used for a short time only. In the areas where this type of architecture is known to exist, the corresponding settlements have not yet been identified.

Yet another type of structures appeared during the second half of the 4th millennium and early 3rd millennium BC: these monuments no longer encase dolmenic structures but rather pits or simple inhumations covered by *tumuli*. Simple cists without *tumulus* emerge during the first half of the 3rd millennium BC (Vale da Cerva, V. N. Foz Côa); and there is a secondary burial featuring several individuals, inside the compound of the Castelo Velho de Freixo de Numão enclosure. Some megalithic tombs were reused during this period and more discreet tumuli were built, without the monumentality of the dolmenic structures from the first half of the 4th millennium BC. These tumuli encase cists, either megalithic or smaller ones; actually, there is a series of different solutions that are hard to typify. We noticed the appearance of a new type of pit burial during the 2nd millennium BC; this type of funerary structures is often associated to settlements.

It is rather difficult to establish the chronology of menhirs. They date from the 4th millennium BC but the *tumuli* to which some of them are associated with must yet be excavated and dated. The set of menhirs analysed in the scope of my thesis indicates that menhirs are not always found in the periphery of large dolmenic monuments but rather in the vicinity of mid-sized tumuli (some 10 meters in diameter, according to survey data). At the Prazo site, a menhir was erected close to the location of the Early Neolithic occupations. Apparently, this menhir is the only one associated to a context as old as Prazo, even though one cannot affirm that they are contemporaneous.

The stelae that are associated to megalithic tombs or *tumuli* could arguably be dated to the 4th millennium BC, at least in some cases. In broad terms, stelae are also difficult to date, excepting the “warrior stelae”, which clearly date from Late Bronze Age. In some cases, some stelae appear to be associated and organized in “groups”; the most outstanding of such sites is Cabeço da Mina (Vila Flor). Statue-menhirs featuring older shapes and iconographies can broadly be assigned to Late Calcolithic/Early Bronze Age, i.e. the late 3rd millennium BC, while others are of Middle and Late Bronze chronology, based on the type of weapons represented.

A new type of site appeared in the beginning of the 3rd millennium BC: the enclosures, which feature more substantial structures, bigger and with larger amounts of materials; these are impressive structures that mark the landscape in completely different ways when compared to the *tumulus*-covered structures. Such sites remained in use until the mid-2nd millennium BC, as in the cases of Castelo Velho and Castanheiro do Vento (V. N. Foz Côa); still, exactly how that continuity is reflected by the sites’ architecture is not well known. The Crasto de Palheiros (Murça) features a Calcolithic occupation, followed by an apparent hiatus, and was occupied again during the Late Bronze and Iron Ages. One could consider the existence of a particular moment for this type of architecture, which can broadly be dated to the Chacolithic and the Early and Middle Bronze Age. Some authors argue that this phenomenon reappears during the Late Bronze Age, at Castelo de Matos (Baião) and Cidade (Arouca).

During the beginning of the 3rd millennium BC there was also an intensification of the activities related to agriculture, judging from the amount of millstones, polished stone tools, large ceramic vessels and loom weights, as well as from structures where thousands of seeds were found (at the Castelo Velho de Freixo de Numão enclosure and at the Buraco da Pala rockshelter). The construction of *tumulus*-covered structures can be dated to this period as well, but their inner structures are different from the previous megalithic tombs and their *tumuli* are rather discreet in the landscape, which would persist until the Late Bronze Age; a new kind of coeval burial spaces is also known to exist, namely within the Castelo Velho enclosure, as well as two cists without tumulus at Vale da Cerva (V. N. Foz Côa).

The earliest metallurgical practices known within the study area took place during the 3rd millennium BC, but it is difficult to precisely determine when this happened. Once again, the Buraco da Pala rock shelter and the Castelo Velho and Castanheiro do Vento enclosures stand out, as they feature evidence for metallurgical practices, gold pieces and copper objects. According to the analysis of related elements, metallurgical practices can be divided in two major moments: Chalcolithic and Early Bronze Age (copper metallurgy) and Middle and Late Bronze Age (production of bronze objects). The available data pertaining to metallurgical practices during each of those moments are still limited and scarce, namely when compared to the number of circulating objects.

By the end of the 3rd millennium BC the circulation of objects started to include some items arguably originated from far away regions within the present-day European space: Bell Beaker ceramics and some pieces of gold, silver and copper, which can be found as part of the assemblages from funerary structures, traditional settlements or enclosures. Statue-menhirs appear during this moment as well.

The pit settlements from the end of the 3rd, 2nd and first quarter of the 1st millennia BC are well documented in the Minho and Douro Litoral regions. Their architecture is characterized by the existence of negative structures, generally called pits, of diverse typologies and functionalities. Sites featuring pits are starting to be discovered in Trás-os-Montes e Alto Douro and Beira Alta regions, which shows that this reality could extend into other areas of the Douro River basin, during Bronze Age. Such settlements, dated to different periods of Bronze Age, show the presence of pit-like structures with diverse functionalities but integrated in settlements with internal structuring, which arguably feature a “functional differentiation of space” that might result from some type of previous site planning. This reality is particularly obvious at Areias Altas (Porto), Cimalha (Felgueiras) and Monte Calvo (Baião).

Hill settlements appear from Middle Bronze Age onwards but most of the settlements clearly date from Late Bronze Age. The construction of walls during this period has been documented at a few sites only; in many cases, the walls predate the Iron Age occupations. The emergence of bronze metallurgy can be dated to the Middle Bronze Age as well, namely at Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros), an archaeological site that features apparently unique structures within the Douro River basin.

Concerning burial practices, and following what was already referred, there are diverse kinds of practices, ranging from the reuse of megalithic monuments to the construction of pits of various typologies in the vicinity of coeval settlements. Some of these pits might be related to inhumation practices while others seem to indicate cremation practices.

Some Late Bronze hill settlements feature evidence for the practice of metallurgy, namely Castelo de Matos (Baião), Castelejo (Sortelha) and Canedotes (Vila Nova de Paiva).

5. LANDSCAPES AND MEMORIES IN THE DOURO RIVER BASIN

This section concerns the third part of the thesis and focuses on combining prehistoric remains with the dialectics of “landscape and memory”.

The chapter starts with three initial questions: what is the contribution of the relationship between humanized landscape and social memory to archaeological research? How can archaeologists study the immaterial dimension of “past” landscapes? How are the material remains from those landscapes perceived in the present-day landscapes?

In this section, I seek to understand, based on the study of late prehistoric archaeological remains, how such materialities were eventually assimilated, transformed or abandoned over (long-term) time by the communities within a certain space, not disregarding their present-day social and cultural context.

“The biography of our landscapes features legacies from past peoples, which are reclaimed by the contemporary rural communities as they were undoubtedly and countless times reclaimed by the generations that followed the creators of the said legacies. All that remains from the palimpsest of meanings assigned to the sites from the Past are the legends and the popular imaginary” (Alves, 2009: 382).

In order to study the landscapes in terms of their relation with time, in order to build their biographies (to use the words of Lara Bacelar Alves), one must bear in mind two types of phenomena. Firstly, I would highlight the “visible elements” that can be materialized by the archaeological remains. It should be referred that my starting point – the point where the “intertwined spatial and temporal relations” are shaped – is based upon that reality. There is some sort of combination of various elements that interact, collide, absorb, neutralize, add, integrate, group, accumulate and materialize over time and which are visible, in different ways, in the various archaeological sites that we study. Secondly, one must also bear in mind the “invisible elements”, the immaterial or symbolic dimension of the landscape, and the analysis of oral tradition as a source for their study.

One of the main purposes of oral history and the study of oral tradition is related to the “construction or reconstruction” of the past. According to Alexandre Parafita (2010) “oral tradition is the transmission of knowledge within the community, orally, from one generation to another, i.e. from parents to children or from grandparents to grandchildren. This knowledge may consist in the communities’ habits and customs, or in folktales, legends, myths and many other texts that were memorized (like proverbs, prayers, riddles, songbooks, narratives, etc.)”. Usually, oral tradition is used as a mere “instrument for archaeological topography”, whereby its contribution is limited to an indicative list of traditions and toponyms related with castles, treasures or Moors, among others,

which indicate the locations of possible archaeological sites (Hrobat, 2007: 31).

According to Hrobat, the symbolic dimension of the collective memory may survive once it is incorporated onto the landscape. This is particularly visible in places where the destruction of certain natural elements is less expectable, such as caves, outcrops or springs, and where it may be expected that some “senses” or meanings were preserved. The memory of places may be preserved by means of the continuity of ritual practices, either keeping the same contents and/or forms (as in the case of the association between outcrops and fertility) or through changes, for example the Christianisation of some cults and sites. On the other hand, some type of cultural rupture may also occur and result in the creation of legends or superstitions (Hrobat, 2007: 48), as is the case for polished stone axes, which are interpreted as *pedras de raio* (thunderstones) that can make a thunderstorm move away.

These ideas are strengthened by Rui Mataloto, as this author states that the ways in which archaeological sites “remain or were gradually integrated in the popular imaginary are many and diverse and are present, for example, in medieval documents, toponomy or local legends, among others” (Mataloto, 2007: 137).

One realizes, therefore, that the traditional toolkit of Archaeology is not enough for the study of the landscapes and memories of the Douro River basin, based upon pre-historic remains. In order to understand the “temporal thickness” of the landscape one must analyse the toponomy, the historical documentation, the oral tradition and also sketch the biography of some archaeological sites.

5.1. Places with broad diachronies

“Schlanger broadens the concept of place and proposes the use of the so-called *persistent places*, defined as “(...) places that were repeatedly used during long-term occupations of regions. They are neither strictly sites (that is, concentrations of cultural materials) nor simply features of a landscape. Instead, they represent the conjunction of particular human behaviours on a particular landscape. Persistent places are places that were repeatedly used during long-term occupations of regions” (Schlanger, 1992: 97 as cited in Fagundes, 2008).

In this section, my purpose is to look at some archaeological sites as “persistent places” that are not limited to a certain occupation at a certain point in time but which were repeatedly reappropriated and experienced by various communities at different moments.

Acknowledging the multi-temporal nature of archaeological sites, or at least some of them, leads to the idea that what seems to be a unique moment in the past (for example, the contemporary construction of a cattle pen at a 3rd millennium BC archaeological site) may indeed incorporate an amalgamation of multiple events and time scales. In this pro-

cess, the linearity of time and the stratigraphic sequence, from a more traditional point of view, are not the outstanding elements. On the contrary, one must assume that the archaeological structures are not simply composed of added or subtracted architectural elements. Quite often they are built and maintained through a set of actions that entails the reuse of previous structures and some materials. In other cases there is a superposition of diverse archaeological elements; or even a reproduction of certain forms and patterns or models.

Would it be possible to understand in which ways did past communities “apprehend” the material remains from previous times? Richard Bradley (2002) and Cornelius Holtorf (2000-2008), among other authors, support the following hypothesis: prehistoric communities reused structures and objects from their own past as contemporary societies, which interpret and incorporate ancient monuments into their daily life.

In some cases, ancient objects and places were disregarded, forgotten, avoided or even destroyed. Still, in other situations, at certain places, archaeological sites became central elements of the political, social and religious life of the communities that “re-used” the sites, often unaware of whom had originally built those structures. Consequently, stories were created or traditions were deliberately suppressed in favour of new interpretations of the sites.

Thus, and either due to the reoccupation of some places, to structures reuse or to new interpretations, the fact is that some archaeological sites subsist in the landscape and are “revisited” at various moments, as a result of their ability to undergo metamorphoses/transformations and of the constant recycling of their senses/meanings (Nora, 1989: 19).

Places with broad diachronies are located at (more or less) well-delimited spaces, overlapped in some cases (vertical stratigraphies) or in close proximity to one another (horizontal stratigraphies); such spaces feature a certain “time depth”. One cannot speak of continuities in strict sense; there are obviously temporal hiatuses when one considers long historical periods. Some places may have remained uninhabited for hundreds of years before a person, a family, a group of individuals or a community “settled” again at that particular location. But places were repeatedly occupied at several distinct moments, as indicated by the materialities that can be found therein. In this sense, it is relevant to ask the following questions: why were some sites systematically reoccupied over time? Was it because of their strategic location, or the available resources, or because they were considered “sacred” spaces? How should these “places that persist in the landscape” or “places with broad diachronies” be studied?

More often than not, archaeological sites are studied in incomplete and fragmentary ways. Archaeologists often specialize in particular chronological periods and sometimes tend to disregard the other “moments” of a site’s life. In most cases, the research works carried out at the sites result from partial studies performed in the scope of archaeologi-

cal projects aimed at diverse objectives: interventions in the scope of public works; masters or doctoral dissertations; upon request from the municipalities; etc. As mentioned before, these are partial studies with diverse purposes and normally focusing on the study of a specific moment: for example Prehistory, Romanization or the Middle Ages.

Moreover, it is a rare thing to find an approach that regards the sites as a whole, i.e. one that would study the multi-temporality of the places, from their origins to the present. How could these sites be studied in a broad time scale? My proposal includes a “biography” of the sites or places. Biographies generally describe the life of one or more persons. Nowadays, some archaeological works are centred on the “life history” of objects/sites or, in short, their “biographies” (Holtorf, 2000-2008).

5.2. The oral tradition and the “biographies” of Castelo Velho de Freixo de Numão and the Complexo Arqueológico do Prazo

The main purpose of this section is analysing the archaeological sites of Castelo Velho and Prazo (Freixo de Numão, V. N. Foz Côa)² as “persistent places” both in time and in the landscape. In this context, the concept is applied to places that do not solely feature a prehistoric occupation but that were reappropriated and revisited by different communities at different moments.

I started by carrying out the biographical analysis of both archaeological sites in order to document their construction, their use and their abandonment and, whenever obvious, their subsequent reinterpretation and/or reuse. Despite the fact that the sites were densely occupied during Prehistory, both feature later, more or less eloquent occupations. Prazo was successively and systematically occupied for thousands of years and it features archaeological remains ranging from the Upper Palaeolithic to the 1990s. Castelo Velho, in turn, was occupied during the 3rd millennium and the first half of the 2nd millennium BC and only shows tenuous traces of Roman and possibly medieval remains and some constructions that might already date from the 19th century.

The oral tradition and its contribution to understanding both sites is the key element in this section. Freixo de Numão is the nearest village to both archaeological sites, which are located 3,3 km southeast (Prazo) and 3,8 km northeast (Castelo Velho) of the village. The elderly inhabitants of Freixo de Numão were interviewed in an attempt at retrieving the “memories” of the local community pertaining to the two archaeological sites. A total of 25 people were interviewed on the 29th and 30th July 2009.

² The archaeological interventions carried out at Castelo Velho were directed by Susana Soares Lopes (Jorge 2005). At Prazo, Sérgio Monteiro Rodrigues (2011) directed the interventions focusing on the prehistoric occupations and António Sá Coixão (1999a; 1999b) directed the excavation of the site’s other occupations.

The Castelo Velho site – meaning the place itself and not the prehistoric architecture we all know today – is not unknown to the Freixo de Numão local community but there are no legends associated to the site, just some personal stories told by the older persons living in the town. There seem to be some shared features among these stories: the interviewed persons had heard about the Castelo Velho from their parents or grandparents; the information was passed between the generations. They often refer to the “ancestors”. The “ancestors” told them those stories.

João de Pina-Cabral studied the peasant communities from the Alto Minho region and their perceptions of the past with regard to time (Pina-Cabral, 1989: 275). He observed that the people from Alto Minho referred to three temporal classifications: “now”, “formerly” and the “old days”. This classification was associated to certain groups of people: “us”, the “elders” and the “ancestors”. As I analysed the interviews I noticed that the informants repeatedly used the expressions “formerly”, “in the old times” and “the ancestors”.

References were made to findings of “dishes” and “crocery”, which suggests that such remains were easily spotted by the persons who walked around the hill where Castelo Velho is located.

Most of the informants mentioned the existence of stones at the site’s location; the site itself was arguably used as a quarry. The oral information supports the text by Susana Soares Lopes (Jorge, 1993), from which I quote: “It is noteworthy that throughout the century, and according to the information we gathered, the site was used as a true “quarry” where the populations obtained schist slabs for the construction of their properties boundary-marking walls. This fact contributed to the real chaos of piled stones that characterized the site at the start of the archaeological works” (Jorge, 1993a: 182).

The site and the toponym were known to the local community but there weren’t any major architectural remains that might lead them to think that the place was occupied in the past; there was nothing but a “wall”, i.e. an old cattle pen. There are several references to the existence of a “wall” associated to pastoralist practices (**Figure 4, p. 37**). The zone where the archaeological site is located was also known as a cultivated area, mostly used for the cultivation of cereals, particularly wheat and rye.

Despite the relevance of the prehistoric occupation, António Sá Coixão further mentions the findings of *tegulae* at Castelo Velho and, according to this researcher, a Roman site was identified in the vicinity, at Ameixoeiras, where a Roman *lagareta* (small press) and some ovens were found. Further down there is yet another site, Figueira Preta, which features a Roman occupation and a medieval press.

Two of the informants associated the site to the probable existence of a medieval castle. This would not be related to the site’s architecture, which was barely visible at all, but rather to the “Castelo Velho” toponym. People do associate the “Castelo Velho” (Old

Castle) toponym to medieval castles but this idea is not supported by the archaeological evidence. Still, the fact that the name of the place derives from the word *castellum* arguably inspired the local community's collective imaginary to the concept of a defensive castle in times of conflict or a watchtower from where communications could be established, by means of smoke signals. The location of Castelo Velho may have contributed to inspire those stories since it lies in a past frontier area between the Christian and Muslim kingdoms and more recently between the kingdoms of Portugal and Castille (Spain). The oral information supplied by the local population and concerning the more recent past, for example the existence of an old cattle pen at the archaeological site, was factually more accurate. This clearly shows how the passing of time often has the capability of "diluting" the accuracy of orally transmitted information.

Among the various moments in the "life" of Castelo Velho (**Figure 5, p. 38**), I would highlight the following: the moment of its construction and how it would have been interpreted and perceived by its inhabitants; the late prehistoric occupations and their reuses; the Roman and/or Late Roman/Early Medieval occupations; the site's interpretation as a "ruin" by the local communities that inhabit the region; the site as an agricultural area and an animal shelter (cattle pen); the site as an archaeological excavation and place of learning and the archaeologists' interpretation of the site; the archaeological site as the result of a musealization and heritage enhancement process that only "crystallized" one phase of the site's Chalcolithic occupation; and finally, the site as it is interpreted by the visitors.

Concerning Prazo, and according to oral tradition, the "Old Freixo" would have been located at Saint Joana's Valley (**Figure 6, p. 39**), a place to the north of Prazo but "people ran away and abandoned that place for good because ants were eating the little children!" (Coixão, 2000: 423). The fact that ants would eat children must have led to the abandonment of the place, forcing the inhabitants to move to the location of the present-day municipality of Freixo de Numão (Coixão, 1999b: 56). This legend was likely transmitted from parents to children throughout the centuries, reaching the present and being referred by practically all the interviewed persons. Curiously, and as far as the ant legend is concerned, I came to realize that the same legend is told in a number of locations in the North of Portugal. This seems to be a popular explanation for the abandonment of several archaeological sites and localities. According to António Sá Coixão (pers. comm.), one of the possible explanations for the existence of the Prazo ant legend would be related to the medieval period and the concession of *forais* (local regulations and privileges) by the Crown: "The lands to which a *foral* was granted paid less taxes. Thus, some lands were abandoned and people moved into other towns".

Therefore, the "Prazo" toponym could be related to such expressions as "emphyteusis", "emprazamento", "aforamento", or "foro", which were still used in 20th-century

Portuguese law, meaning that “(...) the *emprazamento*, *aforamento* or emphyteusis contract takes place whenever a landowner leases the property to a tenant in exchange for an annual rent, which is called a *foro* or *cânon*. The expressions *emprazamento* and *prazo* date back to the 13th century” (Serrão, 1992: 379-380). Capela’s (2003: 65) analysis of the Parochial Memories of 1758 includes and explains a set of terms associated to the word “Prazo”, namely *Emprazamento*, *Foro*, *Aforamento* and *Casal*. All these concepts are related to the exploitation of agricultural lands, were used throughout the Middle Ages and still subsisted during the Modern Age.

Perhaps the “Prazo” toponym may also have been originally connected to the *prazo* or *emprazamento* of the monks from the Mosteiro de S. João de Tarouca during the Late Middle Ages, as “from the 13th century onwards, a time when the St. João de Tarouca monastery became a major local landowner, particularly at Touça, where it dominated the economic life. This situation persisted until the 19th century.” (Trabulo, 2000: 23). Moreover, records show that in 1344 a “donation or *carta de couto* concerning the inheritance of Dom Dinis da Granja da Touça was granted to the Mosteiro de S. João de Tarouca and the lands were repopulated and leased. No charter is known to exist and it is also not known exactly when and for how long the town was an autonomous municipality, arguably for a short period only” (Conceição, 1992).

The fact that “Prazo” is considered to be the “Old Freixo” deserves some consideration. In this particular case, it is known that the village of Freixo de Numão also features archaeological remains contemporaneous with the various Prazo occupations. Recent archaeological research has confirmed the existence of remains dating from the Neolithic to the present and including abundant evidence for Roman occupation. Indeed, the town of Freixo de Numão arguably features a much higher density of occupations than Prazo. Thus, it is not uninteresting to question the fact that the inhabitants of Freixo de Numão place the origins of the village in the Vale de S. João/Sã Joana.

According to most of the informants, the old cemetery and the old village of Freixo de Numão were located at Prazo, where the archaeological excavations unearthed the remains of a Roman villa and an Early Christian/Medieval church. Still, these remains were obviously much older than the “memory” of the local population. It is not unlikely that there was an ancient medieval village at Vendada or Almoinhas (a ten-minute walk from Prazo), but it is not clear where the Prazo church attenders lived (António Sá Coixão, pers. comm.).

There is yet another legend associated to Prazo and its springs: the legend of the enchanted Moorish maiden. According to António Bengala: “At Prazo, in other times, a legend was invented, according to which a beautiful woman hanging her linen appeared to everyone. But the more astonishing fact was that this woman had “*sombreiro*” legs and was the keeper of a fabulous treasure” (Coixão and Sobral, 1998: 61). This

particular legend is similar to other legends of the same kind: an enchanted Moorish maiden kept a great treasure and would give it to whoever released her from the enchantment. According to António Sá Coixão (pers. comm.): *“For example, at Prazo, besides the legend of the ants, there is also the legend of the enchanted Moorish maiden (...). In the 20th century, some individual had a dream about the fountain and, knowing about the legend of the enchanted Moorish maiden, took some dynamite and blasted the fountain but, of course, didn’t find any treasure. (...) It was the legends [about the ants and the enchanted Moorish maiden] that “brought me to Prazo”.* The enchanted Moorish maiden legends are not only related to archaeological remains, but also to springs. Water is abundant at Prazo even nowadays; there are streams and springs and, in this sense, one cannot affirm that the legend is connected to the archaeological remains, as it might as well be associated to the fountain and the springs.

According to local tradition, a chapel dedicated to St. João or St. Joana might have once existed at Prazo; the name of the valley might support this hypothesis. Could St. João or St. Joana be the patron saint of the church that was excavated at Prazo? António Sá Coixão states that another chapel once existed in the area, besides the Early Christian/Medieval church. This author believes that this other chapel, dedicated to St. João, was located on top of the hill next to Prazo where a small almond orchard can be seen today; the orchard planting led to the discovery of some burials dating from the 13th and 14th centuries. Furthermore, Sá Coixão also believes that the cult of St. João might have been transferred to another chapel, at Freixo de Numão. He further suggests that the abandonment of the Prazo chapel of St. João might have occurred during the 17th century, considering that from that period onwards there was indeed a church (which no longer exists), built in honour of St. João, in the urban area of Freixo de Numão (Coixão, 1999b: 56).

During the interviews, some informants made references to other places like Venda da Pedra Escrita and Escorna Bois, among others. The “Pedra Escrita” (“written stone”) seems particularly interesting. This is a granite rock featuring some engravings: the depiction of a skull, an anthropomorphic depiction and a solar symbol. This particular rock is located some 100 meters away from the Prazo ruins, close to the Lameira pathway (Coixão, 1999a: 240). The above referred engravings are associated to the Numão “bells”. Several people mentioned that by pressing one’s head against the engraved ear (or, better said, skull) one could hear the “bells of Numão” ringing. Some of the interviewed persons mentioned the bells, while others highlighted the ear, arguably meaning the skull, according to Sá Coixão, and interpreting in their own particular way what they observed on the rock. It is possible that this is the same rock mentioned in other stories (for example, the account by António Augusto Sá), where a certain doctor would have performed autopsies. There is indeed something that people may identify as an ear; there are engravings that made that “written” stone known to all those who walked

along the ancient roads. The engravings may have functioned as a mnemonic device. Did the pathway to Numão pass close to the “written” rock? Or was it associated to the chapel because of the bells? The fact that the pathway to Numão passed close to this stone might not be a mere coincidence.

It can be affirmed that the Prazo archaeological remains were practically invisible. Only some outcrops and earth retaining walls were observable above ground, the latter defining some cultivation platforms. The archaeological structures only became eloquently visible as a result of the successive excavation field seasons, which radically altered the appearance of the site. Even though Prazo remained in the oral memory of the local community, nearly all archaeological remains were hidden underground. Only a few stones were visible above ground and it was the legend of the ants and possibly also the legend of the enchanted Moorish maiden that preserved the oral memory of Prazo over several generations. Apparently, the legends can be associated not only to the material remains but sometimes may also act as a “connecting link” to something that is no longer visible.

Interestingly enough, most of the interviewed persons seemed genuinely surprised by the fact that “so many things were buried deep in the ground”. Most of these people had walked around the area and worked there, without even suspecting what was buried at that place. One of the informants was really intrigued and surprised by the idea that potatoes had been planted at a place where the dead were once buried.

In the area where the Prazo “site” is located one may find: the prehistoric remains, including the rockshelters; the rock engravings, possibly dating from the Bronze Age (the “Pedra Escrita”), located close to the Roman road; the Roman villa; the Early Christian/Medieval church and graves; the medieval/modern chapel (dedicated to St. João?) and tombs; the 20th century farmhouses and the structure for drying figs; the pathway to Numão and Seixas; the estates, vegetable gardens, meadows and vineyards; and the springs. An open-air amphitheatre was built during the rehabilitation of the farmhouses where the site’s Interpretation Centre is located.

In the case of Prazo, the archaeological structures were not observable until the mid-20th century at least, when planting the almond trees caused the graves to reappear. It is also not unlikely that past agricultural works, like plowing, may have unearthed archaeological remains, which might have surprised the inhabitants and originated some of the stories mentioned during the interviews. Even when archaeological sites originally had a marking impact on the landscape they could still disappear quickly due to a number of sedimentation processes. Nowadays, archaeological sites are often invisible on the landscape. There are places that persist on the landscape for millennia because they somehow survive in the memory of the people and the communities. It is through social memory that some places persist and become landscape “markers”.

FINAL REMARKS

Finally, I would like to stress that through a more holistic approach, by employing and interconnecting archaeological, historical and ethnographic sources (enhancing the importance of oral tradition and toponomy) one may enrich our knowledge of archaeological sites. I tried to demonstrate that the local communities' knowledge of archaeological sites is not just useful for their "discovery" but equally important for their characterization and interpretation. Understanding the contemporary social and cultural context of archaeological sites is an element of study and reflection in Archaeology. Deep down, I believe that oral tradition does not only help us to understand the sites' more recent "biographies" /life histories, thus enhancing the latter stages of their existence, but also offers some "reflexes" of their past narratives.

The study of sites with broad diachronies only really works if there are research works, namely archaeological excavations, carried out by research teams involving multiple scientific areas and structured in a coordinated and systematic manner. It will be necessary to analyse the archaeological materialities present at the sites but also the historical documentation, the toponomy, the ancient cartography, the traditions and folk beliefs.

The "persistent places" of Castelo Velho de Freixo de Numão and Prazo are examples of sites with broad diachronies, where it is really possible to observe the resonances and connections between their various "times" and "moments". But there are countless archaeological sites that also feature multiseccular and multitemporal occupations, such as: the Santuário de S. Salvador do Mundo (S. João da Pesqueira); the Penas Róias castle (Mogadouro); the Baldoeiro site (Torre de Moncorvo); the Senhora do Castelo – Urros (Torre de Moncorvo); the Vila Fortificada (fortified town) de Carrazeda de Ansiães (Carrazeda de Ansiães); the Vila Velha (old town; Vila Real); the Castro de São Jurge – Ranhados (Meda); the urban area of Freixo de Numão (V. N. Foz Côa), among many others. Some phenomena took place at all these sites: reappropriation of materials and structures, abandonment of certain areas and occupation of new zones, intentional destruction or reconstruction of structures and architectural spaces. And, moreover, the (re)interpretation of remains by different communities over time.

To conclude, by analysing such a phenomenon of long-term occupations of some archaeological sites one is not affirming categorically that the communities which occupied this type of places had any knowledge of the communities that preceded them. Still, there are various examples of materials being reused and some structures reorganized; thus, the handling of "older" elements by more recent communities is quite obvious. In some cases it is possible to determine in which way certain places were being revisited, rebuilt or reappropriated. There are still many open questions, namely why were

some places so densely occupied and others remained completely forgotten over time. These questions deserve serious consideration and indicate new research directions.

BIBLIOGRAPHY

ALVES, Lara Bacelar (2009) – O sentido dos signos – reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no Norte de Portugal. In R. de Balbín Behrmann (ed.), *Arte Prehistórico al aire libre en el sur de Europa*, Junta de Castilla y Leon. p. 381-413.

BRADLEY, Richard (2002) – *The Past in Prehistoric Societies*, London: Routledge.

CAPELA, José Viriato (2003) – *As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758: a construção do imaginário minhoto setecentista*. Braga: s.n. Vol. 1.

COIXÃO, António Sá; SOBRAL, Vitor (coord.) (1998) – *Do imaginário ao real no Freixo de Antanho*. Freixo de Numão: ACDR de Freixo de Numão.

COIXÃO, António Sá (1999a) – *A ocupação humana na Pré-história recente na região de entre Côa e Távora*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Almada: ACDR de Freixo de Numão.

COIXÃO, António Sá (1999b) – *Rituais e cultos da morte na região de Entre Douro e Côa*. Freixo de Numão: ACDR.

COIXÃO, António Sá (2000) – A Romanização do aro de Freixo de Numão. In JORGE, V. O., Coord. – *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica*. Porto: ADECAP (Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, 6), p. 422-440.

COIXÃO, António Sá (2001) – Novos dados para o estudo do povoamento da área urbana de Freixo de Numão da Pré-história aos nossos dias. In *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, n.º 3. p. 45-52.

CONCEIÇÃO, Margarida (1992) – Pelourinho de Touça. In IHRU/SIPA. (em linha). [consultado em 24 fevereiro 2014]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1527

FAGUNDES, Marcelo (2008) – *Uma Análise da Paisagem em Arqueologia – Os Lugares Persistentes*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/7203/1/Uma-Analise-Da-Paisagem-Em-Arqueologia-Os-Lugares-Persistentes/pagina1.html#ixzz1Dfo5zD2X>

HOLTORF, Cornelius (2000-2008) – *Monumental Past: The Life-histories of Megalithic Monuments in Mecklenburg-Vorpommern (Germany). A living electronic monograph*. University of Toronto: Centre for Instructional Technology Development. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1807/245>.

HROBAT, Katja (2007) – Use of Oral Tradition in Archaeology: The case of Ajdovscina above Rodik, Slovenia. In *European Journal of Archaeology*, SAGE Publications, Vol. 10(1). p. 31-56.

JORGE, Susana Oliveira (1993a) – O povoado do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história Recente do Norte de Portugal. In *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. I, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 33, 1-2. Porto: SPAE. p. 179-221.

JORGE, Susana Oliveira (2000b) – Problematizando a Pré-História Recente de Portugal (VI – II milénios a.C.). In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 40 (3-4). Porto: SPAE. p. 75-99.

- JORGE, Susana Oliveira (2003b) – A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos 25 anos. In *Os Reinos Ibéricos na Idade Média. Livro de Homenagem ao Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno*. Porto: Livraria Civilização. Vol. III. p. 1453-1482.
- JORGE, Susana Oliveira (2003a) – Pensar o espaço da Pré-história Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica. In *Recintos murados da Pré-História Recente*, DCTP (FLUP)/CEAUP (FCT), Porto/Coimbra.
- JORGE, Susana Oliveira (2005) – *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Afrontamento, Biblioteca de Arqueologia, 2.
- MATALOTO, Rui (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto alentejano”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10, p. 123-140.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) – Pensar o Neolítico Antigo. Contributo para o Estudo do Norte de Portugal entre o VII e o V milénios a. C. In *Estudos Pré-históricos*, 16. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.
- NORA, Pierre (1989) – Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. In *Representations* 26, UCSB – Department of History. [Disponível em: <http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/89NoraLieuxIntroRepresentations.pdf>]
- PARAFITA, Alexandre (2010) – *O que é a Tradição Oral?* Alexandre Parafita (online) [Disponível em: http://www.trasosmontes.com/alexandreparafita/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=36]
- PINA-CABRAL, João (1989) – *A percepção do passado. Filhas de Adão, Filhas de Eva*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul (1996) – *Archaeology, Theories, Methods and Practice*. Fifth Edition. Thames and Hudson. Glossary. (em linha). Disponível em: [<http://www.thamesandhudsonusa.com/web/archaeology/5e/glossary.html>] (Acedido a 25 de Janeiro de 2010).
- SERRÃO, Joel (1992) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas. Vol. II.
- TRABULO, António Alberto (2000) – O concelho de Numão (1130-1655). In *Côavisão: Cultura e Ciência*, nº 2. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. p. 21-33.
- VILAÇA, Raquel (1995) – Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. In *Trabalhos de Arqueologia*, vol. 9, IPPAR, Lisboa, vol 1.

